

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)  
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)  
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

**MÁRCIA BARCELOS GOMES**

SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA ÁREA DE LITERATURA  
INGLESA: SHAKESPEARE E SUA OBRA

Rio de Janeiro

2016

MÁRCIA BARCELOS GOMES

**SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA ÁREA DE  
LITERATURA INGLESA: SHAKESPEARE E SUA OBRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Professora Dra. Vânia Lisboa da Silveira Guedes

Coorientadora: Professora M.Sc Maria José Veloso da Costa Santos

Rio de Janeiro

2016

## Ficha catalográfica

G633s Gomes, Márcia Barcelos.

Sistema de organização do conhecimento na área de literatura inglesa:  
Shakespeare e sua obra / Márcia Barcelos Gomes. - Rio de Janeiro, 2016.  
73 f.: il.

Orientadora: Vânia Lisboa da Silveira Guedes.

Coorientadora: Maria José Veloso da Costa Santos.

Projeto Final II (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de  
Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade  
Federal do Rio de Janeiro.

1. Organização do conhecimento. 2. Shakespeare, William. 3. Microtesouro. 4.  
Linguagem documentária. I. Guedes, Vânia Lisboa da Silveira Guedes. II. Santos,  
Maria José Veloso da Costa. III. Título.

CDD: 822.3

**MÁRCIA BARCELOS GOMES**

**SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA ÁREA DE LITERATURA  
INGLESA: SHAKESPEARE E SUA OBRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 26 de julho de 2016.

---

Profa. Dra. Vânia Lisboa da Silveira Guedes  
Orientadora

---

Profa. M.Sc Maria José Veloso da Costa Santos  
Coorientadora

---

Professora Dra. Ana Maria Senna  
Membro interno

---

Professora Dra Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa  
Membro interno

Aos meus pais.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me ter me dado a vida e a força para estar de pé, abrindo sempre portas e janelas, quando tudo parecia falhar.

Aos meus pais, Pedro e Rosana, por todo o encorajamento e amizade, sem vocês eu, sinceramente, não teria forças para vencer os embates cotidianos.

Aos meus familiares Hélio, Roberta e Maria Eduarda por toda a bagunça e divertimento.

Ao Márton por todo o companheirismo e amizade nestes nove anos de relacionamento.

Dedico, também, as minhas amigas de curso e jornada, amizades preciosas que levo para sempre dentro do peito. Especialmente para a minha amiga Cibele pelo ombro nos dias difíceis e pelas risadas nos dias leves.

E, finalmente, agradeço as minhas duas orientadoras Maria José, apelidada carinhosamente de Mazé, e Vânia, pelo aconselhamento e estímulo para a realização deste trabalho.

[...] Não manifesta o que pensas, nem converta em ação nenhum pensamento insensato.

Sociável seja sempre, nunca popular demais.

Os amigos que já tens, considerados por ti de fato, ate-os à tua alma com grampo de aço.

Mas não mime, com bem-querer, qualquer um que se aproxime.

Cuidado ao entrar em uma briga, mas, estando nela, cuide para que o oponente tema a ti.

Ouçã a muitos, mas fala a poucos. Considera a opinião de todos, mas teu é o julgamento.

Compra as roupas que podes teu dinheiro, nada extravagante- ricas, mas sem ostentação.

A indumentária revela o homem, e na França os indivíduos de poder e posição têm esmero e são generosos no vestir.

Não empresta, nem toma emprestado: quem empresta perde o amigo e o dinheiro.

E quem toma emprestado já perdeu as rédeas de suas economias.

Acima de tudo, sê fiel a ti mesmo.

Constantemente, dia e noite, e não seja falso a homem algum. [...] (SHAKESPEARE, 2007, p. 32- 33).

## RESUMO

Este estudo desenvolve um sistema de organização do conhecimento sobre Shakespeare e sua obra, na área de literatura inglesa. William Shakespeare soube como poucos pensar e refletir sobre as questões primordiais da própria existência humana e, por essa razão, suas obras literárias são lidas, relidas e adaptadas em diferentes gêneros textuais. Com isso, o presente estudo tem como objetivo contribuir para a elaboração de um protótipo de vocabulário controlado, a saber, um tesouro sobre a biografia do autor e sua obra. Dessa forma, para embasamento, utilizaram-se: abordagens teóricas e metodológicas interdisciplinares da análise documentária, classificação, terminologia, teoria do conceito e dos sistemas de organização do conhecimento, sob a perspectiva da linguística documentária. Sob essa perspectiva, destaca-se a importância da interdisciplinaridade entre a Linguística e a Biblioteconomia que permite a aproximação de diferentes áreas do saber com o objetivo de desenvolver sistemas de organização do conhecimento. Para a composição da amostra, selecionaram-se artigos de periódicos científicos, em Português do Brasil, publicados no período de 2006 a 2015, que tratam de temas relacionados a biografia de Shakespeare e sua obra. Finalmente, é apresentado um protótipo de vocabulário controlado sobre o tema e sugere-se dar continuidade a esse empreendimento em pesquisas posteriores.

**Palavras-chave:** Organização do Conhecimento. William Shakespeare. Microtesouro. Linguagem Documentária.



## ABSTRACT

This study develops a system of organization of knowledge about Shakespeare and his work in English literature area. William Shakespeare knew how few to think and reflect on the key issues of human existence and, therefore, his literary works are read, reread and adapted in different genres. Thus, this study aims to contribute to the development of a controlled vocabulary prototype, namely, a thesaurus on the biography of the author and his work. Therefore, for basement, were used: interdisciplinary theoretical and methodological approaches of documentary analysis, classification, terminology, concept of theory and knowledge organization systems, from the perspective of the documentary language. From this perspective, it highlights the importance of interdisciplinarity between linguistics and librarianship that allows the approach of different areas of knowledge in order to develop knowledge organization systems. For sample composition, were selected articles from scientific journals, in Portuguese of Brazil, published in the period 2006-2015, which deal with issues related to Shakespeare's biography and his work. Finally, a controlled vocabulary prototype is presented on the topic at hand and it is suggested to continue this project in subsequent research.

**Keywords:** Knowledge Organization. William Shakespeare. Micro thesaurus. Documentary Linguistics.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1-</b>	Pesquisa no <i>WebQualis</i> .....	16
<b>Quadro 1 -</b>	Periódicos e artigos selecionados (2006-2015) .....	18
<b>Figura 2-</b>	Quarto de estudo de Shakespeare .....	20
<b>Figura 3 -</b>	Coletânea das peças de Shakespeare, 1623.....	21
<b>Figura 4 -</b>	Novela O Cravo e a Rosa .....	23
<b>Figura 5 -</b>	Filme 10 coisas que eu odeio em você .....	23
<b>Figura 6 -</b>	Filme <i>Kumonosu-jô</i> - Trono manchado de sangue .....	24
<b>Figura 7 -</b>	O <i>Globe</i> .....	26
<b>Figura 8 -</b>	Vista lateral do <i>Globe</i> .....	26
<b>Figura 9-</b>	Parte interna do <i>Globe</i> .....	26
<b>Quadro 2 -</b>	Signo Linguístico .....	29
<b>Quadro 3 -</b>	Termos selecionados .....	37
<b>Quadro 4 -</b>	Relações básicas de um tesouro .....	38
<b>Quadro 5 -</b>	Símbolo das relações .....	40

## **LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS.**

ANSI	American National Standard Institute
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de pessoal de Nível Superior
EJC	Engineers Joint Council
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LD	Linguagem Documentária
LTD	Linguística Documentária
LN	Linguagem Natural
OC	Organização do Conhecimento
PB	Português Brasileiro
SOC	Sistemas de Organização do Conhecimento
SRI	Sistema de Recuperação da Informação
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	15
2.1	ESTABELECIMENTO DE CAMPO TEÓRICO.....	15
2.2	COLETA DE DADOS .....	16
2.3	POPULAÇÃO/AMOSTRA .....	17
<b>3</b>	<b>WILLIAM SHAKESPEARE</b> .....	20
3.1	CONHECENDO SHAKESPEARE .....	20
3.2	O FLORESCIMENTO DO TEATRO ELISABETANO E O THEATRE ...	24
<b>4</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	27
4.1	CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA NA ANÁLISE DOCUMENTÁRIA.....	27
4.2	LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA .....	30
4.3	ANÁLISE CONCEITUAL E INDEXAÇÃO.....	32
4.4	TESAURO .....	34
<b>4.4.1</b>	<b>Organização dos termos/ conceitos</b> .....	36
<b>4.4.2</b>	<b>Elaboração de um protótipo de tesauro</b> .....	37
<b>4.4.3</b>	<b>Relações em um tesauro</b> .....	38
<b>4.4.4</b>	<b>Estrutura do tesauro</b> .....	40
<b>5</b>	<b>PROTÓTIPO DE THESAURUS: PARTE ALFABÉTICA</b> .....	42
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	66
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	68

## 1 INTRODUÇÃO

As formas de tratamento documentário podem ser observadas em diferentes momentos da história da humanidade, tais ações permitem que um indivíduo saiba de antemão se o assunto do documento é do seu interesse (como o resumo, que fornece informações sobre o conteúdo do documento), evitando o manuseio excessivo de informações irrelevantes para sua pesquisa, além de facilitar a recuperação e o acesso à informação relevante disponível. Pode-se observar, segundo Mey e Silveira (2009) esta atividade no trabalho de Calimacus, sábio grego, bibliotecário da Biblioteca de Alexandria, que criou o *Pinakes*, que consiste em um catálogo que continha inscrições documentárias sobre o acervo da biblioteca.

Conforme Dias e Naves (2013) desde o advento da imprensa, no século XV, a produção e a circulação de livros foram otimizadas, fato que propiciou a disseminação e o acesso ao conhecimento não só das classes dominantes, mas também da população que, em sua maioria, estava à margem dos discursos e motivações veiculados nos meios de comunicação disponíveis na época. Tal acontecimento teve grande impacto nas formas de pensamento e relações sociais. No início do século XIX, Price (1976, p. 126) chama a atenção para o fato de que, já no início do século XIX “[...] as resenhas e artigos científicos eram tão numerosos que indivíduo algum poderia lê-los ou pretender assimilá-los completamente.”.

Mais recentemente, as tecnologias da informação e comunicação (TIC) possibilitaram que um maior volume de informação pudesse ser produzido e disponibilizado para diferentes usuários, em lugares distintos e em pouco tempo. Para o acesso a esse volume crescente de informação são necessários o tratamento e a organização informacional, segundo parâmetros internacionalmente utilizados na área de Organização do Conhecimento (OC). Com isso, foi necessário repensar outros métodos para identificar e acessar, em meio a esta massa documental, a informação útil, o que culminou com a construção de informação documentária como canal entre o usuário e o conteúdo desejado.

Diante deste panorama, a OC se constitui como a área da Ciência da Informação que possibilita a criação de sistemas de organização do conhecimento (doravante SOC), voltados para a representação e a recuperação da informação em um sistema de informação. Dahlberg (2006) afirma que a OC é a ciência que estuda a estruturação e o arranjo sistemático dos conceitos de uma determinada área do conhecimento, levando-se em conta as características semânticas que são inerentes aos mesmos. Hjørland (2015) considera as ferramentas desenvolvidas na área de Organização do Conhecimento, voltadas para a recuperação da informação, basicamente como

ferramentas semânticas. O autor acrescenta que o tesouro consiste de uma seleção de conceitos suplementados com informações sobre suas relações semânticas. Ressalta que as questões semânticas estão presentes com frequência em questões de pesquisa no campo da Biblioteconomia e da Ciência da Informação e, sobretudo, em pesquisas na área da OC.

Com a evolução das pesquisas, as áreas do conhecimento sofrem constantes expansões, tal dinâmica faz com que novos conceitos e termos sejam inseridos ao arcabouço teórico, ampliando a terminologia utilizada pelas áreas. Tais termos acabam por ser assimilados e reproduzidos pelos pesquisadores para a comunicação de novas descobertas e pensamentos. Dessa forma, se faz necessária a constante revisão, por parte do bibliotecário, dos textos produzidos e publicados sobre o assunto e a incorporação de novos termos e conceitos ao vocabulário controlado da área estudada.

Neste estudo, propõe-se a elaboração de um protótipo de vocabulário controlado como SOC, a partir da análise documentária de artigos de periódicos, no período de 2006-2015, sobre Shakespeare e sua obra.

Para tanto, é necessária a análise sucinta das contribuições teóricas e práticas que a interdisciplinaridade traz para a produção desse tipo de SOC. Sendo assim, discorre-se sobre a interdisciplinaridade da Análise Documentária com outras áreas do conhecimento que tratam da construção de linguagens documentárias, como por exemplo a Linguística, na medida em que essa reflexão é necessária para o entendimento do processo de análise da informação contida em documentos e o desenvolvimento de SOC. Além disso, esse entendimento pode auxiliar o profissional da informação em tomadas de decisão sobre como representar os conceitos/assuntos abordados em documentos, utilizando os termos mais adequados para representar as informações que ali estão em um sistema de recuperação da informação. Somado a isso, o fato de ser verificado a inexistência de tesouro em Língua Portuguesa sobre Shakespeare e sua obra

No presente estudo foram levantados os seguintes questionamentos:

- a) Como a Classificação, a Linguística e a Organização do Conhecimento podem contribuir para a construção de um protótipo de tesouro sobre Shakespeare e sua obra na Literatura Inglesa?
- b) Quais critérios o indexador deve adotar a fim de mapear as relações semânticas de um determinado campo do conhecimento e construir um protótipo de tesouro que seja útil a um público específico?

A escolha do tema foi motivada, primeiramente, pela minha primeira formação na área de Letras-Português/Inglês na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), fato que

despertou o interesse em estudar a relação entre a Análise Documentária na OC e as áreas que integram o quadro referencial da Linguística e da Literatura.

A partir dessas reflexões, foi estabelecido como objetivo geral elaborar um protótipo de tesouro monolíngue sobre Shakespeare e sua obra, pois esse tipo de SOC apresenta o mapeamento das relações semânticas entre termos/conceitos e possibilita a padronização da indexação temática de documentos.

Foram estabelecidos como objetivos específicos:

- a) contribuir para o desenvolvimento e elaboração de vocabulários controlados na área de Literatura, especificamente para a construção de um SOC sobre Shakespeare e sua obra;
- b) demonstrar como se dão as relações entre os termos/conceitos no campo semântico dessa subárea da Literatura Inglesa;
- c) investigar algumas contribuições que a Linguística pode oferecer para a Análise Documentária e a Organização do Conhecimento;
- d) delinear alguns critérios que o indexador pode adotar na construção de tesouros.

No próximo capítulo discorre-se sobre a metodologia adotada para o desenvolvimento do estudo.

## 2 METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como uma aplicação combinada de métodos com abordagem qualitativa e quantitativa, uma vez que: “A pesquisa quantitativa, que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana.” (POLIT; BECKER; HUNGLER, 2004 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 201).

A abordagem qualitativa se fez necessária para a avaliação do contexto em diversas fases do trabalho, como para a definição de um conceito na estrutura do vocabulário controlado, por exemplo; para ilustrar a quantitativa pode-se citar o instrumento de análise para a coleta dos dados, na escolha dos artigos de acordo com o nível, seguindo as diretrizes baseadas no *WebQualis*. Dessa forma, pode-se entender a pesquisa qualitativa como aquela que “[...] tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno.” (POLIT; BECKER; HUNGLER, 2004 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 201).

Em suma, o estudo segue o modelo teórico e metodológico utilizado para a análise documentária no campo da Linguística Documentária. Nesse sentido, a pesquisa foi desenvolvida por meio de levantamento de documentos na literatura sobre Shakespeare, em livros e em artigos de periódicos, publicados na área da Literatura Inglesa, para seleção dos termos. Foram utilizados ainda, vocabulários controlados e o sistema de classificação bibliográfica de Dewey, para compreensão da cadeia lógica e ontológica dos termos e conceitos selecionados na literatura.

Assim sendo, seguiu-se o seguinte procedimento metodológico.

### 2.1 ESTABELECIMENTO DE CAMPO TEÓRICO

Buscou-se, por meio do levantamento bibliográfico, conferir maior base teórica nas seguintes áreas: Análise Documentária, Indexação, Organização do Conhecimento, Linguística (compreendendo a Linguística Documentária) e Literatura. Procurou-se realizar uma análise das contribuições dessas diferentes áreas do saber para a confecção do protótipo de tesouro sobre Shakespeare e sua obra.



## 2.2 COLETA DE DADOS

Essa etapa consistiu no levantamento termos/conceitos relevantes que cobrissem exaustivamente o assunto em questão, ou seja, Shakespeare e sua obra.

A coleta dos termos foi realizada nos textos dos artigos que compõem a amostra. A seleção dos artigos se deu, primeiramente, por meio do sistema *WebQualis*, sendo definido pela CAPES como:

[...] o conjunto de procedimentos utilizados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Tal processo foi concebido para atender as necessidades específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do aplicativo Coleta de Dados. Como resultado, disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. (COMISSÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO NÍVEL SUPERIOR, 2014, documento não paginado).

Na pesquisa, para a seleção da amostra optou-se pelos seguintes dados: evento de classificação *Qualis* 2014; área de avaliação Letras/Linguística e classificação no estrato A1. Na figura 1, a seguir, pode-se observar como foi realizada a pesquisa no aplicativo.

Figura 1 – Pesquisa no *WebQualis*

Fonte: PLATAFORMA SUCUPIRA, 2010.

Posteriormente, procedeu-se a busca de artigos que tratassem sobre William Shakespeare e sua obra, objeto de estudo e análise para a construção do protótipo de tesouro. As referências dos artigos selecionados encontram-se elencadas no quadro 1.

Na fase de construção do protótipo de tesouro seguiram-se as seguintes etapas:

- a) seleção dos termos que melhor representam os assuntos tratados nos artigos;
- b) definição dos termos, que estarão dispostos no campo NE (notas explicativas);
- c) análise das definições dos termos;
- d) estabelecimento de relações lógicas e ontológicas no campo semântico analisado.

Observou-se a dificuldade em se encontrar todos os termos selecionados em um único dicionário especializado, uma vez que a Literatura dialoga com diferentes campos do saber. Sendo assim, foi necessário utilizar diferentes dicionários e livros para buscar as definições mais adequadas. As fontes consultadas, citadas após cada Nota Explicativa (NE) ligadas aos termos, estão identificadas no capítulo de Referências.

### 2.3 POPULAÇÃO/AMOSTRA

O levantamento de termos e conceitos ocorreu por meio da pesquisa e análise de seis artigos de periódicos científicos, redigidos em Língua Portuguesa, publicados em dois títulos de periódicos das áreas de Letras e Linguística disponíveis na *web* ou no portal da CAPES (PORTAL DE PERIÓDICOS DA COMISSÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO NÍVEL SUPERIOR, 2000). Optou-se por utilizar artigos de periódicos científicos publicados no período de 2006 a 2015, com estrato A1, de acordo com a classificação da *WebQualis* no mesmo sistema da CAPES, contendo de 3.000 a 7.000 palavras para cada artigo.

A seleção dos artigos foi realizada da seguinte forma:

- a) quatro artigos do título de periódico *Cadernos de Tradução* editado pelo Curso de Pós-Graduação em Estudos de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com periodicidade semestral, que publica artigos, entrevistas e resenhas sobre tradução e
- b) dois artigos do periódico *Aletria: Revista de Estudos de Literatura* editado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com periodicidade quadrimestral, que tem como missão estimular o debate e a produção acadêmica da área.

No quadro 1, a seguir, constam os títulos de periódico e artigos selecionados para a composição da amostra

Quadro 1- Periódicos e Artigos Selecionados 2006-2015

Revista	Artigos
<b>Cadernos de Tradução</b>	DINIZ, Thaís Flores Nogueira. Como os pintores “traduziram” <i>Hamlet</i> . <b>Cadernos de Tradução</b> , Florianópolis, v.35, n.1, p. 86-99, 2015. Disponível em < <a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n1p86">https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n1p86</a> >. Acesso em: 6 mar. 2016
<b>Aletria</b>	GALLERY, Maria Clara Versiani. Romance de Romeu e Julieta: tradição, memória e cultura popular. <b>Aletria: Revista de Estudos de Literatura</b> , Minas Gerais, v.13, n. Especial, p. 155-164, 2006. Disponível em < <a href="http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1354">http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1354</a> >. Acesso em: 6 mar. 2016.
<b>Cadernos de Tradução</b>	LOHMER, José Eduardo dos Santos; FREITAS, Renata Cazarini de. Reconhecer e traduzir traços de Sêneca em Shakespeare. <b>Cadernos de Tradução</b> , Florianópolis, v.1, n.33, p. 97-118, 2014. Disponível em < <a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p97">https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p97</a> >. Acesso em: 6 mar. 2016.
<b>Cadernos de Tradução</b>	MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. Reescritas de peças de Shakespeare para o público jovem: a série <i>Mangá</i> Shakespeare. <b>Cadernos de Tradução</b> , Florianópolis, v.2, n.34, p. 61-84, 2014. Disponível em < <a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p61">https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p61</a> >. Acesso em: 6 mar. 2016.
<b>Aletria</b>	RAMALHO, Erick. Shakespeare e o drama satírico. <b>Aletria: Revista de Estudos de Literatura</b> , Minas Gerais, v.19, n. Especial, p. 109-123, 2009. Disponível em < <a href="http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1506">http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1506</a> >. Acesso em: 6 mar. 2016.
<b>Cadernos de Tradução</b>	SALEM, Robert. Os Simpsons em Hamlet: um petisco de Shakespeare. <b>Cadernos de Tradução</b> , Florianópolis, v.1, n.33, p. 261-285, 2014. Disponível em < <a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p261">https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p261</a> >. Acesso em: 6 mar. 2016.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para padronização da amostra utilizou-se os seguintes procedimentos na seleção dos descritores ou termos preferidos, de acordo com as seguintes diretrizes:

- a) No caso do presente trabalho utilizou-se o substantivo verbal ADAPTAÇÃO, não ADAPTAR “Os verbos expressos no infinitivo e no particípio não devem ser usados isoladamente como termos de indexação. As atividades devem ser representadas por substantivos ou substantivos verbais.” (UNESCO, 1993, p. 23);
- b) A escolha de algumas formas plurais foi decorrente de seu uso nos dicionários ou livros de referência que foram utilizados para o desenvolvimento das Notas Explicativas (NE), como por exemplo: GÊNEROS LITERÁRIOS, nos demais termos utilizou-se a forma singular para a indexação;

- c) Os termos homógrafos (palavras com a mesma ortografia, mas de significados distintos) foram contextualizados com o uso de um qualificador. Exemplo: FOLHETO (de cordel) e PEÇA (de teatro).

Quando são encontrados homógrafos na indexação, cada termo deve ser complementado com uma palavra ou frase qualificadora. O termo de indexação deve distinguir-se de seu qualificador; por exemplo, usando um tipo de grafia diferente ou colocando o qualificador entre parêntese. (UNESCO, 1993, p. 27).

Na próxima seção, apontam-se algumas considerações sobre a vida e a obra de William Shakespeare, de forma a contextualizar o estudo e ressaltar a relevância do autor para a literatura mundial. Destaca-se também, a atualidade de suas produções que geraram adaptações em diferentes gêneros e idiomas.

### 3 WILLIAM SHAKESPEARE (1564-1616)

Shakespeare, renomado dramaturgo, alcançou o reconhecimento pela sua obra ainda em sua época e até hoje é visto como um dos maiores autores do mundo. Nesta seção abordaremos, de forma sucinta, alguns aspectos sobre a trajetória de William Shakespeare e a atualidade de sua obra.

#### 3.1 CONHECENDO SHAKESPEARE

Na literatura especializada sobre Shakespeare as informações que se tem sobre a data precisa de seu nascimento e sua infância são muito escassas. Sob esse fato, Heliadora (2014) menciona que, se o mundo tivesse noção de que iria receber tão ilustre dramaturgo, medidas seriam tomadas para que seus dados fossem preservados.

Sabe-se que William Shakespeare, filho de John Shakespeare e Mary Shakespeare, nasceu em Stratford-upon-Avon, Reino Unido (Inglaterra), em abril de 1564 e morreu na mesma cidade em 3 de maio de 1616, apenas com 52 anos. De acordo com Heliadora (2014) aos 18 anos Shakespeare casou-se com Anne Hathaway, de 26 anos, mas a autora afirma que “A documentação oficial do casamento nunca foi encontrada, e pode ter sido propositadamente ‘apagada’ por puritanismo, já que a primeira filha do casal, Susana, nasceu em 26 de maio de 1583, apenas seis meses após ocorrer o matrimônio.” (HELIODORA, 2014, p.15).

A figura 2, a seguir, mostra sua sala de estudos na sua casa em *New Place*, Stratford-upon-Avon.

Figura 2 – Quarto de estudos de Shakespeare



Fonte: BBC, 2014.

De acordo com Clark e colaboradores (1960), Shakespeare foi um dramaturgo popular em sua época, tendo alcançado o reconhecimento do público de maneira quase imediata. Shakespeare escreveu 37 peças (produzidas entre 1590 a 1610) de diferentes gêneros, tais como comédias, tragédias líricas, tragicomédias, tragédias, além de poemas narrativos e sonetos, abaixo está elencada sua produção:

Ele começou com a comédia (A comédia dos erros, Os dois cavalheiros de Verona, Trabalhos de amor perdidos), um estilo que ele logo aperfeiçoou em *Sonho de uma noite de verão*, *Como quiserem* e *Noite de reis*. Suas peças históricas incluem *Ricardo II*, *Henrique IV* (partes I e II), *Henrique V* e *Júlio César*. *Romeu e Julieta* foi sua primeira aventura na tragédia, no entanto as mais grandiosas vieram depois - *Hamlet*, *Otelo*, *Rei Lear*, *Macbeth* e *Antônio e Cleópatra*. As peças mais notáveis de seu último período, conhecidas como tragicomédias, foram *Cimbeline*, *Conto de inverno* e a *Tempestade*. (CLARK et al, 1960, p. 168, tradução nossa).

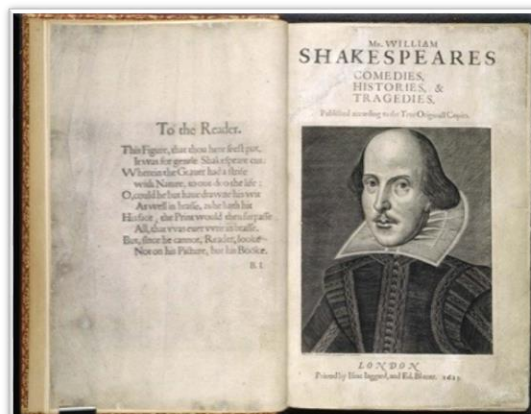
Shakespeare foi membro da companhia *Lord Chamberlain's Men*, para a qual escreveu com exclusividade até o término de sua carreira. Foi fundada no reinado da rainha Elizabeth I da Inglaterra, em 1594.

A companhia *Lord Chamberlain's Men*, era uma companhia teatral com a qual Shakespeare foi intimamente ligado durante grande parte de sua carreira como dramaturgo profissional. Era a companhia de atores mais importante nos períodos Elisabetano e Jacobino. (ENCICLOPAEDIA BRITANNICA, 2016b, documento não paginado, tradução nossa).

Segundo a British Library, *First Folio* é a primeira edição da coleção das peças de William Shakespeare, reunidas e publicadas em 1623, sete anos após a sua morte. As edições *in-folio* eram livros aumentados e caros, que eram vistos como itens de prestígio.

A figura 3, a seguir, mostra a coletânea.

Figura 3 – Coletânea das peças de Shakespeare, 1623.



Fonte: BRITISH LIBRARY, 2016.

De acordo com Kott (1961) Francis Meres foi o primeiro a fazer um elogio por escrito a Shakespeare:

Assim como Plauto e Sêneca são considerados os maiores latinos, respectivamente, na Comédia e na Tragédia, assim, entre os Ingleses, Shakespeare a todos excede nos dois gêneros... Disse Epius Stolon que as Musas falariam a linguagem de Plauto se falassem latim; eu, por mim, digo que elas deveriam empregar a bela frase cinzelada de Shakespeare, se falassem inglês. (MERES, 1598 apud KOTT, 1961, p. 27).

Apesar de toda a aceitação por parte do público e uma certa idolatria, uma série de teorias e controvérsias foi levantada sobre a produção de Shakespeare. Para Heliadora (2014), muitos estudiosos, tanto de sua época como atualmente, questionam a ausência de documentação que comprove todos os momentos de sua vida e o nível de qualidade de suas obras, com a alegação de que ele não teria preparo para criar obras com tanta excelência. No entanto, a autora afirma que tais questionamentos são infundados, uma vez que a quantidade de informações sobre fatos pessoais e as atividades de Shakespeare é semelhante aos dados pessoais e profissionais que se têm documentado de outros autores e atores que produziram obras literárias no mesmo período.

Shakespeare, um dos maiores dramaturgos e poetas da Inglaterra, além de ator, foi o que hoje se chama de diretor de teatro. Heliadora (2014) o descreve como um gênio criador de obras teatrais e dramáticas, sem deixar de lado os assuntos que estavam em voga em seu tempo. Segundo ela, Shakespeare teve a habilidade de tratar de temas que ainda são atuais e extremamente relevantes. A qualidade de suas obras permitiu que as mesmas resistissem ao tempo, de tal forma que até os dias atuais podem-se observar adaptações de seus textos em filmes, histórias em quadrinhos, *mangás*, desenhos animados etc.

A atemporalidade da produção intelectual de William Shakespeare pode ser constatada ainda pela frequência com que são produzidas releituras de seus trabalhos no decorrer da história, mesmo após 400 anos de seu falecimento, uma vez que sua linguagem se perpetua e rompe com barreiras geográficas e culturais. Esta atualidade do autor inglês talvez possa ser associada aos temas por ele abordados, tão profundos e instigantes como o amor, o ódio, a paixão e a própria existência do homem. A seguir alguns exemplos serão elencados para melhor entendimento da importância de Shakespeare para a cultura mundial.

Segundo Marins-Pietro (2013), a telenovela *O Cravo e a Rosa*, que foi ao ar no Brasil entre os anos de 2000 e 2001, obteve aceitação expressiva por parte do público, sendo baseada na peça *A Megera Domada*, de Shakespeare. A autora destaca a popularidade que uma novela alcança, em diferentes esferas da sociedade brasileira, visto que grande parte da população

possui pelo menos um aparelho televisivo em casa. Desta forma, Marins-Pietro (2013) esclarece que, apesar do trabalho de Shakespeare ser considerado elitizado, pode-se perceber que, por meio de uma adaptação da obra, grande parte da população brasileira pode ter contato com a linguagem e a obra do dramaturgo inglês.

A figura 4, a seguir, mostra a telenovela *O Cravo e a Rosa*, adaptada da obra *A Megera Domada*, produzida pela Rede Globo de Televisão:

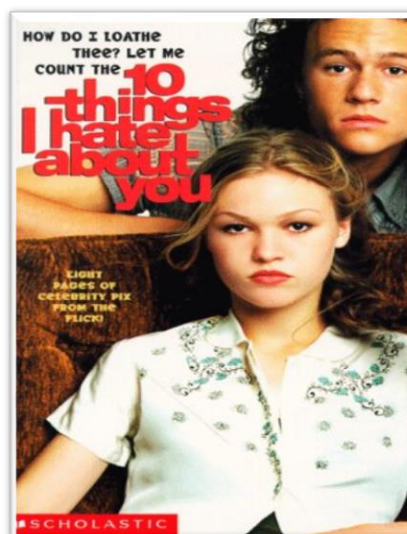
Figura 4 - Novela *O Cravo e a Rosa*



Fonte: MEMÓRIA GLOBO, 2013.

Feitosa (2008) menciona outra adaptação da comédia *A Megera Domada*, o filme, classificado como comédia adolescente, *10 Things I hate about You* (10 Coisas que Eu Odeio em Você), de Gil Junger (1999). A figura 5, a seguir, contém o cartaz do filme *10 Things I hate about You* (10 Coisas que Eu Odeio em Você), também adaptado de *A Megera Domada*.

Figura 5- Filme 10 coisas que eu odeio em você



Fonte: GOOD READS, 2012.



Esses dois exemplos permitem a constatação da importância dos temas levantados por Shakespeare nesta obra, como a posição e a função da mulher na sociedade da época em que o autor produziu e sua releitura para o momento atual.

Miranda e Inokuchi (2009) afirmam que o filme lançado no Japão em 1957, *Kumonosu-jô* (Trono manchado de sangue), do diretor japonês Akira Kurosawa (1910-1998) pode ser considerado uma tradução intercultural de uma das tragédias mais conhecidas de Shakespeare, *Macbeth*. Ainda segundo as autoras, a versão fílmica deste clássico foi transportada do reino da Escócia para um Japão medieval e feudal. Essa adaptação foi classificada por alguns críticos como uma obra-prima do cinema mundial, mostrando ainda, segundo ECO, 1994 (apud MIRANDA; INOKUCHI, 2009, p. 1) que Kurosawa foi um profundo conhecedor desta tragédia.

A figura 6, a seguir, mostra o cartaz do filme *Kumonosu-jô* (Trono manchado de sangue), adaptado de *Macbeth*.

Figura 6 – Filme *Kumonosu-jô* - Trono manchado de sangue



Fonte: ADORO CINEMA, 2016.

### 3.2 O FLORESCIMENTO DO TEATRO ELISABETANO E O THEATRE

Para melhor entendimento do contexto em que as obras de Shakespeare foram produzidas, na presente seção, será feita uma breve contextualização do período histórico e social em que o teatro elisabetano nasceu, bem como do surgimento do importante palco em que as peças foram encenadas: o *Globe Theatre*.

A inserção do teatro na Inglaterra, conforme Heliadora (2014), se deu no século XII por meio das dramatizações religiosas. Tais encenações eram recursos didáticos utilizados pela Igreja Católica para ensinar e “ilustrar” os acontecimentos relatados na Bíblia. Com a crescente aceitação por parte dos fiéis e do público em geral, o teatro pode transpor as paredes da Igreja, se se transformou e expandiu-se pelo país.

A dramaturgia elisabetana, tal como se conhece, não se deu de maneira milagrosa, Heliadora (2015) aponta que foi decorrente de transformações de ordem social e política que ocorreram na Inglaterra, também no século XII. Além disso, podem-se destacar alguns acontecimentos que contribuíram para seu florescimento: o inglês moderno (por volta de 1500) que conferiu maior clareza e precisão para a produção dos textos; a impressora de William Caxton (1498) que permitiu a normatização da gramática e da ortografia; o enobrecimento de grande parte dos comerciantes e protestantes; bem como a alfabetização de grande parte de pessoas em Londres.

Mas Heliadora (2014) pontua que somente quando Elizabeth (filha de Ana Bolena e Henrique VIII) assume o trono inglês, por volta de 1558, é que se inicia efetivamente a fase do teatro inglês denominada como teatro elisabetano, uma vez que seu reinado conferiu maior tranquilidade administrativa e social. Segundo a autora, duas peças são, ainda, reconhecidas como molde e inspiração para a produção que se segue, são elas: *The Spanish Tragedy* (A tragédia espanhola) de Thomas Kyd e *Tamburlaine* (Tamerlão) de Christopher Marlowe. Esses acontecimentos abriram caminho para um aperfeiçoamento do teatro inglês, uma vez que boa parte da população poderia ler, ouvir e, principalmente, entender e acompanhar os diálogos entre os personagens durante as encenações.

“Shakespeare chegou a Londres em 1588, com o teatro em plena efervescência.” (HELIODORA, 2014, p.30) e, por isso, podem-se imaginar quantas informações novas e tendências de escrita o dramaturgo pode ter conhecido no início de sua carreira. Heliadora (2014) destaca que foi neste ambiente profícuo que o dramaturgo seguiu os estilos e, posteriormente, pode dominar os gêneros literários que estavam em voga.

O carpinteiro James Burbage, no ano de 1576, foi o construtor e idealizador de “[...] um edifício construído especialmente para que nele fossem apresentadas peças teatrais.” (HELIODORA, 2014, p.36). A localização do edifício não era uma casualidade pois, conforme Heliadora (2014), o teatro foi construído em Londres, ao norte da muralha que protegia a cidade, talvez para evitar perseguições, e era inspirado nos pátios das hospedarias.

As figuras 7 e 8, a seguir, são ilustrações da posição do edifício.

Figura 7 – O *Globe*

Fonte: SHAKESPEARE'S GLOBE, 2016.

Figura 8 – Vista lateral do *Globe*

Fonte: SHAKESPEARE'S GLOBE, 2016.

Outras características físicas são apontadas por Heliodora (2014), tais como: o público ficava próximo ao palco, com poucos lugares para ficar sentado, os que cercavam o palco pagavam um valor menor para assistir à encenação, ou seja, a plateia era composta por pessoas de diferentes classes.

A figura 9 ilustra a parte interna do teatro e a disposição do público na plateia, ao redor do palco projetado (*apron*), tendo maior contato com os artistas e participando do desenrolar da encenação. Esse *layout* “[...] empresta ao teatro elisabetano as vantagens e a intimidade do teatro de arena, porém proporciona ao ator a proteção de um fundo”. (HELIODORA, 1978, p. 172)

Figura 9 – Parte interna do *Globe*

Fonte: THE GUARDIAN, 2016.

## 4 REFERENCIAL TEÓRICO

Leite e Callou (2002, p.7) entendem que “É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca.”. Sendo assim, para a construção de um bom vocabulário controlado, é necessário levar em conta diferentes aspectos da linguagem e da expressão intelectual humana que foram observados e analisados por autores de diferentes áreas do conhecimento. Na próxima subseção (4.1), destacam-se algumas contribuições da Linguística para a elaboração de um estudo mais criterioso sobre as questões teóricas e práticas ligadas aos sistemas de organização do conhecimento.

### 4.1 CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA NA ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

“A Linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados. Os limites que a separam das outras ciências não aparecem nitidamente.” (SAUSSURE, 2006, p.13). O discurso de Ferdinand Saussure é corroborado pela ocorrência sistemática de interfaces que se estabelecem entre a linguística e outras áreas do saber.

Objetiva-se, neste trabalho, tecer algumas reflexões sobre a necessidade, a importância e as contribuições da interdisciplinaridade, sobretudo entre a Linguística e a OC na CI, reconhecida como o campo da Linguística Documentária, para o desenvolvimento da fundamentação teórica e prática de sistemas de organização do conhecimento e, nesse contexto, para a construção de um protótipo de tesauro sobre Shakespeare e sua obra. Observa-se que tal processo é uma constante nas produções intelectuais em diferentes áreas do conhecimento humano.

Na CI, a análise documentária estabelece uma relação interdisciplinar com diferentes áreas do saber de forma a avançar no conhecimento voltado para tentativas de delimitação e solução de questões ligadas a um sistema de recuperação da informação. Essas contribuições têm como um de seus objetivos aprimorar os processos de indexação e de organização do conhecimento, como também facilitar a interface entre o sistema e o usuário. Segundo Kobashi (1996), o tesauro é um instrumento que permite um maior nível de interação entre sistema e usuário, além de auxiliá-lo durante o uso de um sistema documentário.

Ao discutir a respeito da análise documentária, Kobashi (1996, p.6) menciona que “A Documentação, enquanto sistema público de circulação de informações, nasceu no século

XVII, com a edição do ‘*Le Journal des Sçavans*’.” (KOBASHI, 1996, p.6). Publicado em Paris, a partir de 1665, trazia resumos dos trabalhos científicos, filosóficos e artísticos produzidos no período, conforme descrevem Borko e Bernier (1975 apud KOBASHI, 1996, p. 6). No entanto, a autora afirma que, a despeito de trabalhos já desenvolvidos há tantos anos atrás, os estudos voltados para a construção das bases teóricas da Documentação só ocorrem a partir da década de 50, devido, em sua maioria, aos experimentos automáticos de indexação, elaboração de resumos e recuperação de informações. Em Cunha e Cavalcanti (2008) a Documentação é definida como:

Processo que consiste na criação, coleta, organização, armazenamento e disseminação de documentos ou informações, conjunto de documentos que tratam de um assunto. A teoria da documentação surgiu em meados de 1870, em decorrência do desenvolvimento da indústria gráfica. Paul Otlet e Henri La Fontaine foram seus grandes líderes. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 131).

Neste sentido, diversos estudos foram iniciados com o objetivo de aperfeiçoar os SRI disponíveis, de modo que fosse alcançado maior aperfeiçoamento do processo de armazenamento, tratamento e recuperação de informações contidas em documentos. Para Kobashi (1996) os trabalhos de Peter Luhn (1958 e 1959) foram importantes para o desenvolvimento de pesquisas no campo da indexação e para a elaboração automática de resumos, mas se mostraram insuficientes para determinar significados em enunciados, já que os critérios estatísticos utilizados são úteis somente para identificação de formas significantes. Sendo assim, as pesquisas de Luhn não conseguiam trabalhar com os conceitos dos enunciados, com os significados, que sofrem influência do contexto em que os conceitos estão inseridos.

A criação da linguística moderna é associada à publicação, em 1916, do “*Cours de Linguistique générale*.” de Saussure, conforme Marques(2011, p. 44):

O *Curso de linguística geral*, publicado em 1916, por Bally e Sechehaye, com base nas anotações de cursos ministrados por Ferdinand de Saussure, entre 1906 e 1911, na Universidade de Genebra, é considerado o ponto de partida da visão estruturalista da linguagem e da ciência linguística.

As ideias de Saussure fundamentaram as bases, ou diretrizes, para o estruturalismo, fundado por Bloomfield, com maior ênfase em aspectos gramaticais, fonológicos e morfossintáticos. Leonard Bloomfield é reconhecido como grande expoente da linguística estruturalista norte-americana.

Sob essa perspectiva Saussure (2006) define signo, significado e significante. “O signo lingüístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica.” (2006,

p.80); “Propomos a manutenção da palavra signo para designar o todo, e a substituição de conceito e imagem acústica respectivamente por significado e significante.” (2006, p.81).

Marques (2011) identifica ainda outras diretrizes para o estudo linguístico propostas por Saussure, destacam- se quatro ideias:

- a) A dicotomia “langue” (língua) e “parole” (fala). A “langue” ou a língua “[...] é um produto social, um conjunto de convenções, sistema de signos (código) potencial, que permite aos indivíduos o exercício da faculdade da linguagem.” (MARQUES, 2011, p. 45). Já a “parole” ou fala “[...] é o uso individual, momentâneo, concreto da língua.” (MARQUES, 2011, p. 45);
- b) A dicotomia conotação (uma mesma palavra pode ter significados diversos, dependendo do contexto) e denotação (sentido original, não se permite espaço para outros significados). Esta dicotomia é utilizada na indexação de termos, uma vez que um dado termo só pode corresponder a um conceito, ou seja, uma relação unívoca, denotativa.
- c) A Língua como um sistema de relações (tal diretriz é de grande utilidade no desenvolvimento de vocabulários controlados);
- d) As perspectivas diacrônica e sincrônica do tratamento dos fatos da língua. Marques (2011, p. 46) explica que:

[...] a linguística sincrônica, ou estatística, descritiva, tem por objeto o conjunto de fato contemporâneos de uma língua em qualquer época e a linguística diacrônica, ou evolutiva, histórica, os fenômenos que fazem a língua passar de um estado a outro, ao longo do tempo.

Dessa forma, pode-se destacar uma contribuição da Linguística para a Análise Documentária, na medida em que a Linguística define, de forma mais pontual, os conceitos de significado e significante.

O quadro 2, a seguir, ilustra como o signo linguístico é composto:

Quadro 2 – Signo linguístico

SIGNO = (total)	SIGNIFICADO (conceito ou imagem mental)	+	SIGNIFICANTE (imagem acústica – imagem, som ou palavra)
--------------------	--	---	--

Fonte: Adaptado de Saussure (2006).

Dias e Naves (2013) também afirmam que a Análise Documentária se beneficia do diálogo com os estudos linguísticos, no que diz respeito à análise de textos e para a ordenação e estruturação de Linguagens Documentárias. Os autores elencam três disciplinas linguísticas, a saber: semântica, sintaxe e morfologia, como as que mais contribuem para a indexação uma vez que:

Para estudos de indexação, importam de modo especial a *semântica*, disciplina que se ocupa do sentido ou da significação dos elementos; a *sintaxe*, que se ocupa das relações que se estabelecem a partir da organização sintagmática dos elementos e, de certo modo, a *morfologia*, que, sintetizando parcialmente aspectos da semântica e da sintaxe se encarrega da identificação das partes da palavra e de suas condições de ocorrência. (CINTRA,1983, apud DIAS e NAVES, 2013, p. 75)

Apesar da proximidade entre a Linguística e Documentação serem limítrofes, tal relação ainda foi pouco estudada, dada a complexidade das pesquisas linguísticas. Tais estudos são necessários, dada a importância da Linguística para o desenvolvimento da documentação automatizada. (DIAS; NAVES, 2013).

A apropriação de estudos linguísticos pode, por exemplo, ser observada no uso dos termos “significado e significante” e no entendimento da importância do contexto para a delimitação, para se evitar ambiguidades. A seguir, tem-se a ocorrência dos exemplos citados: “Quando se retira uma palavra ou grupo de palavras já se sabe, portanto, qual o significado que vai ser objeto de estudo. Em outras palavras, o significante e o significado vêm juntos.” (GOMES,1990, p. 31). “Deve-se evitar, pois, o fichamento de termos técnicos sem contexto pois isso induz a imprecisões como a ambiguidades, dificultando, por conseguinte, a estruturação do termo e a seleção da melhor forma.” (GOMES, 1990, p.31).

## 4.2 LINGUAGEM DOCUMENTÁRIA

Conforme Dalhberg (1978), o conhecimento é construído e divulgado por meio da linguagem, na medida em que novos conhecimentos surgem é preciso que novos termos sejam criados para dar conta deste processo que perdurará enquanto o homem existir. Dessa forma, a linguagem é a habilidade que o homem possui de se comunicar e designar os objetos e fatos que são observados. A autora define ainda dois tipos de linguagens: as linguagens naturais, utilizadas pelas pessoas na realização de suas atividades diárias, e as linguagens artificiais ou linguagens formalizadas, criadas pelo homem, como por exemplo, a linguagem da matemática ou a linguagem química.

Lancaster (2004) apresenta dois tipos de linguagem: a linguagem natural (LN) que é utilizada pelos indivíduos para a comunicação no cotidiano e por autores na produção de textos ou documentos, utilizando os termos adequados para que as ideias possam ser veiculadas em um grupo específico; e a linguagem documentária (LD) que se refere às linguagens artificiais que necessitam de regras explícitas para o seu uso, na indexação e recuperação da informação.

A Linguística Documentária (LTD), um subdomínio da Ciência da Informação, se propõe a estudar “[...] as características da linguagem dos ambientes informacionais que combinam as referências da produção informacional, os objetivos institucionais e os elementos cognitivos e comunicacionais de grupos de usuários.” (TÁLAMO; LARA, 2006, p. 204). As autoras esclarecem ainda que a LTD se caracteriza como uma sucessão de tomadas de decisão, uma vez que “Desde a seleção do que compõe ou não o conjunto a ser analisado, a pertinentização, a construção de ‘conteúdos’, até a difusão das formas de sua disseminação está em jogo um universo de opções.” (TÁLAMO; LARA, 2006, p. 2).

Nesse contexto, Tálamo e Lara (2009) acrescentam que a terminologia utilizada por uma comunidade científica, o uso de jargões e termos técnicos, pode criar espaço para relações de poder, ou seja, grande parte da população estaria excluída dos novos conhecimentos veiculados por um determinado grupo. Para as autoras a (LTD), pode estabelecer uma ponte entre os discursos vinculados por pesquisadores e o público em geral, por meio do uso de linguagem de tratamento da informação, permitindo uma maior democratização da informação na sociedade, como se pode perceber no trecho abaixo:

Segundo a Linguística Documentária (LTD), parte-se da linguagem geral para entender o funcionamento das linguagens de especialidade e da relação destas com a linguagem de tratamento da informação. De modo específico cabe à LTD harmonizar a função descritiva da palavra, prescritiva do termo e normalizadora do descritor, integrados a linguagem geral. (TÁLAMO; LARA, 2009, p. 62)

Em suma, pode-se inferir que a Linguística Documentária é um campo interdisciplinar, que integra abordagens teóricas e metodológicas de diferentes áreas do conhecimento para abarcar e solucionar problemas advindos da complexidade que se apresenta durante o desenvolvimento de suas atribuições, dentre as quais podemos destacar as seguintes áreas: Linguística, Semiótica e a Teoria Geral da Terminologia.

A interface Linguagem Documentária e Terminologia é possível, uma vez que:

As linguagens documentárias operam, por sua vez, em campos do conhecimento especializado, para descrever e tornar recuperáveis os textos aí produzidos. Desse



modo, a operação de construção de linguagens documentárias supõe, necessariamente, os instrumentos terminológicos como fonte de referência. (TÁLAMO; CINTRA, 1992 apud KOBASHI, 1996 p. 13)

Kobashi (1996, p.13) complementa argumentando que: “As terminologias não se confundem, portanto, com as linguagens documentárias, antes instauram-se como o universo referencial destas últimas.”. Sendo assim, as linguagens documentárias não têm por objetivo substituir a terminologia de uma comunidade discursiva, todavia são mais adequadas na função de uniformizar, tratar e recuperar a informação, sendo assim, a contribuição entre as áreas se faz necessária.

#### 4.3 ANÁLISE CONCEITUAL E INDEXAÇÃO

Neste trabalho optou-se por conceituar a Indexação, a partir de dois trabalhos.

Assim, para Dias e Naves (2013, p.5), Indexação

É o termo mais usado para designar o trabalho de organização da informação quando realizado nos chamados serviços de indexação e resumos. Esses serviços têm por finalidade organizar informações referentes a artigos de periódicos principalmente. (DIAS; NAVES, 2013, p. 5).

Cunha e Cavalcanti (2008, p. 193), definem Indexação como a “Representação do conteúdo temático de um documento por meio dos elementos de uma linguagem documentária ou de termos extraídos do próprio documento (palavras-chave, frases-chave).”.

Na fase da coleta de dados foi possível observar quão importante é para o indexador de uma unidade de informação ter em mente conhecimentos transmitidos por Lancaster (2004) sobre a prática da indexação, mencionados a seguir:

Ao indexador raramente é dado o luxo de poder ler um documento atentamente do começo ao fim. A exigência de indexar determinada quantidade de itens por dia haverá de lhe impor que satisfaça comumente com uma leitura que está longe de ser completa. Usualmente, recomenda-se um misto de ler e ‘passar os olhos’ pelo texto. (LANCASTER, 2004, p. 24).

O autor menciona ainda ser necessário ler atentamente as seguintes partes de um documento:

As partes a serem lidas atentamente são as que apresentam maior probabilidade de dizer o máximo sobre o conteúdo no menor tempo: título, resumo, sinopse e conclusões. Os títulos das seções e as legendas das ilustrações ou tabelas também merecem maior atenção. Convém passar os olhos pelo restante do texto, para confirmar se as partes mais condensadas contêm uma imagem exata do que trata o documento. (LANCASTER, 2004, p. 24).

A análise conceitual, para Lancaster (2004), consiste na decisão do indexador de definir o tema de um dado documento, tendo em mente sempre o atendimento das demandas informacionais dos usuários e da especialidade da unidade de informação em que o documento está inserido, bem como o contexto em que termo se encontra. Dessa forma, não há uma regra pré-estabelecida para a escolha dos termos durante esse processo.

A tradução, ainda para Lancaster (2004), consiste na transposição da linguagem do documento, determinada na análise conceitual, para a linguagem documentária, utilizando para tal, o vocabulário controlado. A representação adequada dos termos de um dado documento dependerá, segundo o autor, do pensamento analítico do profissional. O autor cita também, a reflexão de Hjørland (2001), sobre a tradução na indexação:

Uma decisão posterior refere-se a quais descritores do vocabulário controlado serão atribuídos ao documento. Tal decisão pode (e deve) ser vista da perspectiva inversa: sob quais descritores pareceria relevante para o usuário encontrar o documento? (HJORLAND, 2001, p.777).

A indexação deve ser pensada de forma a contemplar às demandas da comunidade que utiliza uma biblioteca ou unidade de informação. Além disso, diante da necessidade informacional de seus usuários, é preciso refletir sobre a abrangência semântica dos termos contidos no texto do documento em análise. Neste sentido, Lancaster (2004) aponta que a indexação seletiva, que trabalhe, por exemplo, com apenas cinco termos, resultará em uma representação geral e limitada de termos, limitando o acesso ao documento. Já a indexação exhaustiva e específica permite que se faça uma indicação mais profunda e específica do assunto abordado em um documento, criando mais pontos de acesso, ou seja, maior probabilidade de recuperação do documento.

Assim, para o presente trabalho, realizou-se a análise conceitual de artigos na área da Literatura, mais especificamente sobre Shakespeare, sendo necessário buscar conhecimento sobre as peças, a linguagem empregada pelo dramaturgo e o contexto histórico em que foram produzidas. Para tal, foram selecionados entre sete a dez termos/conceitos por artigo. Além disso, optou-se por um nível médio de especificidade de termos para compor o vocabulário controlado do protótipo de tesouro.

#### 4.4 TESAURO

Tesouro (latim: *thesauru*, grego: *thesaurós*), de acordo com Vickery (1960 apud DODEBEI, 2014, p. 66), surgiu na Grécia e significava tesouro ou armazenagem/repositório;

tendo sido caracterizado no *Oxford English Dictionary*, em 1936, de forma mais simplista, como um dicionário, enciclopédia e similares.

Gomes (1990) afirma que a primeira publicação de Peter Mark Roget, o *Thesaurus of English Words and Phrases*, em 1852, recebeu o nome de “thesaurus” e, devido a sua originalidade a palavra acabou por ser, na área da documentação, associada à forma de organização de um vocabulário de indexação/recuperação. Esta coleção, segundo Dodebei (2014), não era organizada em ordem alfabética como em um dicionário, mas em conformidade com as ideias que expressavam. Dessa forma, o objetivo deste tipo de obra era localizar palavras que pudessem exprimir de forma mais próxima possível uma determinada ideia em textos.

Dodebei (2014) esclarece que, a partir de 1940, o termo tesouro pode ser observado na área da Ciência da Informação e destaca a recorrência do mesmo nas abordagens ao processo recuperação da informação, sendo descrito como um instrumento que permite a transposição de conceitos e suas relações, o controle de sinônimos e das estruturas sintáticas simplificadas. Os benefícios do tesouro, em relação aos cabeçalhos de assunto, são explicados pela autora ao mencionar que

Era preciso trabalhar com vocabulário mais específico e com uma estrutura mais depurada do que aquele presente nos cabeçalhos de assunto (remissivas e referências cruzadas tipo ver e ver também). Assim, além da especificidade, cuidou-se de melhorar a estrutura, e as referências cruzadas (ver também) deram lugar às relações hierárquicas (paradigmáticas) e associativas (sintagmáticas). (DODEBEI, 2014, p. 68).

Dessa forma, a autora afirma que o tesouro, nomeado assim por analogia com o trabalho de Roget, é um instrumento da documentação que permite, através do agrupamento dos termos, o acesso a uma ideia, mesmo sem se saber como seria a saída da palavra. A autora ainda destaca as duas características do tesouro de documentação: os conceitos são representados por termos, não palavras, intitulados de descritores ou preferidos; e as relações entre eles.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) define o tesouro como:

O *thesaurus* é um instrumento que reúne termos escolhidos a partir de uma estrutura conceitual previamente estabelecida e destinados à indexação e à recuperação de documentos e informações num determinado campo do saber. Não é simplesmente um dicionário, mas um instrumento que garante aos documentalistas e aos pesquisadores o processamento e a busca destas informações. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2011, documento não paginado).

Já, segundo as Diretrizes para a confecção de tesouros descritas no padrão norte-americano ANSI/NISO Z39.19:

Um tesouro é um vocabulário controlado organizado em uma ordem preestabelecida e estruturado de modo que os relacionamentos de equivalência, de homografia, de hierarquia, e de associação entre termos sejam indicados claramente e identificados por indicadores de relacionamento padronizados empregados reciprocamente. As finalidades primordiais de um tesouro são (a) facilitar a recuperação dos documentos e (b) alcançar a consistência na indexação dos documentos escritos ou registrados de outra forma e outros tipos, principalmente para sistemas de armazenamento e de recuperação de informação pós-coordenados (ANSI/NISO Z39.19, 2003, tradução de SALES; CAFÉ, 2008, p 5).

Lancaster (2004) concorda com a definição da ANSI/NISO, mas Gomes (1990) não segue esta corrente ao afirmar que o tesouro não deve ser confundido com “vocabulário controlado”, pois o segundo só possui relações sinonímicas na medida em que não diferencia, de maneira mais efetiva, o “termo” da “palavra”. A autora orienta para que se evite o uso de “palavra”, que por ser a menor unidade léxica pode permitir ambiguidades, na indexação, sendo o “termo” ou “descriptor” a forma mais adequada para a construção de um tesouro. Para o desenvolvimento deste trabalho, optou-se por Lancaster que segue a definição da ANSI/NISO.

Sendo assim, Lancaster (1987) argumenta que o tesouro é uma variedade de vocabulário controlado, sendo seu uso recorrente para representar os conteúdos de publicações, por meio da padronização de descritores. De forma sintética e muito clara o autor ainda define o emprego que um vocabulário controlado desempenha na maioria dos sistemas de recuperação, a saber:

Tal vocabulário controlado nada mais é do que um conjunto limitado de termos que devem ser utilizados por indexadores e usuários. Em outras palavras, o vocabulário determinará os termos que podem ser empregados e os que não podem. Além disso, os vocabulários controlados, em geral, apresentam alguma forma de “estrutura” (isto é, os termos encontram-se organizados de maneira a poderem evidenciar relações importantes), embora isso não seja elemento essencial à sua definição. (LANCASTER, 1987, p.11).

Para Gomes (1990) o tesouro é uma linguagem documentária, uma vez que não advém de um processo evolutivo, necessita de regras explícitas e não permite exceções. Dessa forma, no tesouro, o controle de termos se faz necessário para evitar que não se atribua mais do que um conceito ao termo e vice-versa. Outras características relevantes são apontadas pela autora, tais como:

- a) é uma ferramenta dinâmica;
- b) permite a inserção de novos termos, uma vez que o conhecimento está em constante expansão;
- c) é específico, pois não é coerente haver um tesouro “geral” e;
- d) apresenta os termos conectados semântica e logicamente.

#### 4.4.1 Organização dos termos/conceitos

O conceito é a representação mental que um indivíduo faz sobre determinado objeto, uma vez que Dahlberg afirma que “[...] todo o enunciado sobre objetos contém um elemento do respectivo conceito.” (1978, p.102). Acrescenta-se ainda a definição de Gomes “[...] um constructo mental que representa um objeto material ou imaterial.” (1990, p. 18).

A apropriação do conceito na Linguística Documentária, mais especificamente para construção de tesouros, é fundamental para a elaboração de tesouros, segundo Gomes (1990), pois cada significado deve ser representado por conceitos e não palavras.

Para Gomes (1990, p.18), a reunião dos conceitos de uma área do conhecimento forma “[...] um sistema de conceitos ou parte de um sistema, o que significa dizer que os conceitos se relacionam entre si. Portanto, devem ser ordenados sistematicamente”. Ela esclarece que “No âmbito dos tesouros os conceitos são designados por termos.” (GOMES, 1990, p. 18). Acrescenta ainda que o termo é a palavra utilizada para representar, em um documento, um significado desejado. Dessa forma, algumas características dos termos são elencadas, a seguir, tendo como base a visão de Gomes (1990):

- a) o termo é denotativo, ou seja, está relacionado a um único conceito;
- b) o termo depende do sistema de conceitos em que está inserido. A autora dá como exemplo a distinção que se deve fazer entre as homonímias: [...] “Tênis (esporte)” e “Tênis (calçado)” (GOMES, 1990, p. 20);
- c) o termo é a unidade de comunicação que designa o conceito.

Na seção 4.4.2 Elaboração de um protótipo de tesouro, abordar-se-á as relações entre os termos de um tesouro.

#### 4.4.2 Elaboração de um protótipo de tesouro

Optou-se por realizar um levantamento dos termos, em seis artigos, que abordam temas relativos às peças e aos poemas do dramaturgo em questão, uma vez que Gomes (1990) aponta a importância e a vantagem em se fazer o levantamento na literatura, pois se podem obter os termos em uso, com sua forma e significado mais recentes. A autora acrescenta que esse procedimento “Oferece, ainda, garantia literária para a formação das classes, facilitando, pois, a estruturação dos termos em etapa posterior.” (GOMES, 1990, p. 30).

Para melhor visualização dos termos selecionados e de seus respectivos artigos da área de Letras, Linguística e Literatura, que foram utilizados na análise e construção do tesouro, decidiu-se por organizar os mesmos no Quadro 3:

Quadro 3 – Termos selecionados.

<b>Termos</b>	<b>Artigos</b>
Peça. Shakespeare. Pintura. Cena. Hamlet. Drama. Tragédia. Literatura Inglesa.	1. Como os pintores “traduziram” <i>Hamlet</i> .
Cânone. Memória Coletiva. Romeu e Julieta. Cultura. Cultura popular. Shakespeare. Cordel. Romance. Folheto.	2. Romance de Romeu e Julieta: tradição, memória e cultura popular.
Teatro latino. Tragédia. Sêneca. William Shakespeare. Comédia. Teatro. Drama. Literatura.	3. Reconhecer e traduzir traços de Sêneca em Shakespeare.
Shakespeare. Adaptação. <i>Mangá</i> . História em quadrinhos. Literatura juvenil. Literatura infantil. Hamlet. Tragédia. Drama.	4. Reescritas de peças de Shakespeare para o público jovem: a série <i>Mangá</i> Shakespeare.
Shakespeare. Teatro. Drama. Tragédia. Sátira. Comédia. Peça. Tragicomédia. Gênero textual. Paródia.	5. Shakespeare e o drama satírico.
Adaptação. Hamlet. Os Simpsons. Drama. Paródia. Desenho animado. Humor.	6. Os Simpsons em Hamlet: um petisco de Shakespeare.

Fonte: Elaborado pela autora.

Para definir a quantidade de termos selecionados estabeleceu-se uma faixa entre 05 até 10 termos por artigo, de acordo com o indicado por Lancaster (2004) para artigos de periódicos.

#### 4.4.3 Relações em um tesouro

A estruturação ou relacionamento entre os conceitos de um tesouro permitem que este tipo de vocabulário controlado seja diferente dos demais, uma vez que:

Um tesouro difere de uma lista de autoridade de termos controlados e organizados alfabeticamente pela sua capacidade de mostrar as relações estruturais entre os termos, incluindo relações hierárquicas e não hierárquicas, assim como relações associativas e de equivalência. (AITCHISON; GILCHRIST, 1979, p.50).

Aitchison e Gilchrist (1979) entendem as relações acima da seguinte maneira:

- a) As relações hierárquicas podem ser: relações gênero/ espécie: Gato – gênero/ Siamês – espécie; e relação parte/todo, no entanto “[...] As regras do *EJC* não permitem este tipo de relação hierárquica, exceto no caso de localizações geográficas: França – Paris.” (AITCHISON; GILCHRIST, 1979, p.54). O *Engineering Joint Council (EJC)* publicou, em 1964, o Tesouro de Termos de Engenharia.
- b) O termo relacionado representa a relação conceitual, mas não hierárquica, os autores afirmam que o usuário gostaria de ser avisado, ao analisar um dos termos, da existência de outro. Existe ainda, dentro das relações não hierárquicas, a relação parte/ todo, que pode ser observada no exemplo: Coisa – avião/ parte – asas.
- c) Por fim, as relações de equivalência, conforme Aitchison e Gilchrist (1979), incluem sinônimos verdadeiros e quase- sinônimos, por exemplo:
- Gripe (uso popular) = Influenza – Sinônimos verdadeiros;
  - Gibi (termo não -preferido – será remissiva do termo preferido) / História em Quadrinhos (termo preferido- termo de indexação).

Já as Diretrizes da UNESCO (1993) para a elaboração de tesouros monolíngues, estabelecem três classes de relações que devem estar presentes nos tesouros, optou-se por organizar as relações no Quadro 4, de forma a facilitar a visualização e entendimento dos relacionamentos estabelecidos:

Quadro 4 – Relações básicas de um tesouro

RELAÇÕES DE EQUIVALÊNCIA	RELAÇÃO HIERÁRQUICA	RELAÇÃO ASSOCIATIVA
USE (precede o termo preferido)	TGM (precede o maior termo genérico de uma hierarquia)	TR (precede o termo relacionado na relação associativa)
UP (precede o termo não-preferido)	TG (precede o termo superordenado)	
	TGP (precede o termo superordenado na relação todo - parte)	
	TE (precede o termo subordinado)	
	TEP (precede o termo subordinado na relação todo- parte)	

Fonte: Adaptado das Diretrizes da UNESCO (1993).

Nota-se uma divergência e certa dificuldade em se conceituar a relação associativa, pois segundo as Diretrizes da UNESCO:

Esta é uma das relações básicas mais difíceis de definir no que diz respeito às suas características positivas e não às negativas. Ela cobre as relações entre pares de termos que não são membros de um conjunto de equivalência nem podem ser organizados em uma hierarquia onde um termo se subordina a outro. Entretanto, são mentalmente associados de tal maneira que a conexão entre eles deve ser feita explicitamente no tesauro, uma vez que este recurso oferece termos alternativos que poderiam ser utilizados para a indexação ou recuperação. (UNESCO, 1993, p.50)

De acordo com o tutorial para a Elaboração de Tesauro Documentário, a relação entre conceitos pode ser de dois tipos: lógica e ontológica. A relação lógica se caracteriza por ser hierárquica, incluindo termos específicos (TE) e termos genéricos (TG), sendo que a relação hierárquica se subdivide em dois tipos: subordinação (formação de cadeia) e coordenação (formação de renque). Gomes (2004) classifica cadeia como uma série vertical de conceitos, sendo que o conceito subordinado é chamado de termo específico e o superordenado é chamado de termo genérico. Já o renque é descrito como conceitos coordenados ou ‘irmãos’, sendo uma série horizontal de conceitos. A autora aborda, ainda, a relação ontológica, que é necessária para se analisar um conceito, sendo assim, deve-se observar sua relação com o referente. Ainda se incluem relações partitivas (todo/parte) e associativas.

Segundo Cunha e Cavalcanti (2008, p. 319) a relação partitiva é a “[...] relação semântica entre dois conceitos na qual um conceito representa o todo e o outro conceito representa um de seus elementos; relação parte-todo, relação todo-parte.”. Gomes (2004) caracteriza a relação associativa como aquela que ocorre por contiguidade no tempo (quando um objeto origina outro) ou no espaço (objetos que apesar de não serem comuns entre si, tem a relação determinada pelo local físico em que se encontram).



#### 4.4.4 Estrutura do tesouro

Podem-se observar diversas formas de se demonstrar o relacionamento entre os termos de um tesouro, mas Gomes (1990) estabelece a alfabética como mais usual. Dessa forma, optou-se por trabalhar na presente pesquisa somente com a parte alfabética uma vez que é a forma mais tradicional de apresentação dos tesouros, tendo a praticidade como uma de suas maiores qualidades, “Esta ordem é prática: permite que se localize rapidamente o termo desejado.” (GOMES, 1990, p. 57). A autora ainda observa que “ Na mesma ordem alfabética são incluídas as remissivas [...]” (GOMES, 1990, p. 57), segundo o exemplo retirado do presente trabalho:

**CISNE DE AVON** (sinônimo)

**USE WILLIAM SHAKESPEARE** (termo)

Neste estudo, foram utilizados os símbolos adotados no Tesouro sobre Literatura do IBICT, publicado em 1985. Para indicar as relações entre os termos, foram utilizados os seguintes símbolos, na seguinte ordem:

Quadro 5- Símbolos das relações

<b>NE</b>	Nota explicativa, a definição do termo.
<b>UP</b>	Precede o termo não preferido
<b>USE</b>	Precede o termo preferido
<b>TG</b>	Precede o termo hierarquicamente superior
<b>TE</b>	Precede o termo hierarquicamente inferior
<b>TGP</b>	Precede o termo partitivo superior
<b>TEP</b>	Precede o termo partitivo inferior
<b>TR</b>	Precede o termo relacionado ou associado (TA)

Fonte: Adaptado do Tesouro sobre Literatura/IBICT.

Além das relações mencionadas no Quadro 5, a representação da organização de relações lógicas do campo semântico de um domínio especializado do conhecimento, segundo diretrizes da UNESCO (1993) - lista de abreviaturas e símbolos utilizados em tesouros como prefixos dos termos, pode ser indicada pelo símbolo **TGM** relacionado ao Termo Genérico

Maior, que representa a classe mais ampla à qual pertence o conceito, ou seja, o Termo Genérico Maior de uma cadeia hierárquica.

Na seção 5, a seguir, apresenta-se a organização da parte alfabética do protótipo de tesouro sobre Shakespeare e sua obra, mencionando as notas explicativas, as remissivas usadas para o controle de fenômenos lexicográficos, assim como as relações lógicas e ontológicas desse subcampo semântico da Literatura Inglesa.

## 5 PROTÓTIPO DE TESAURO: PARTE ALFABÉTICA

### ADAPTAÇÃO

USE DRAMATIZAÇÃO

#### AMA DE JULIETA (PERSONAGEM)

NE: Ama de Julieta. (HELIODORA, 2014).

TGM LITERATURA INGLESA

TG DRAMA ELISABETANO

TR WILLIAM SHAKESPEARE

TGP ROMEU E JULIETA (PEÇA)

TR BENVÓLIO (PERSONAGEM)

TR FREI LOURENÇO (PERSONAGEM)

TR JULIETA CAPULETO (PERSONAGEM)

TR O PRÍNCIPE DE VERONA (PERSONAGEM)

TR MERCÚTIO (PERSONAGEM)

TR PÁRIS (PERSONAGEM)

TR ROMEU MONTÉQUIO (PERSONAGEM)

TR TEOBALDO (PERSONAGEM)

### AMBIENTE

USE CENÁRIO

### ARQUITETURA

NE: Arte de organizar espaços e criar ambientes para as diversas atividades. (HOUAISS; VILLAR, 2009).

TG ARTES GRÁFICAS

TG ARTES PLÁSTICAS

TR PINTURA

TR DESENHO

TR ESCULTURA

TR GRAVURA

### ARTE

NE: Produção consciente de obras, formas ou objetos voltada para concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana. (HOUAISS; VILLAR, 2009).

TE ARTES CÊNICAS

TE ARTES GRÁFICAS

TE ARTES PLÁSTICAS

### ARTES CÊNICAS

NE: Conjunto de das artes e técnicas relativas à representação teatral. (HOUAISS, 2015).

TG ARTE

TE TEATRO

TR REPRESENTAÇÃO TEATRAL

**ARTES GRÁFICAS**

**NE:** Conjunto das artes e técnicas relativas às atividades gráficas. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

- TG** ARTE
- TE** DESENHO ANIMADO
- TE** FILME CINEMATOGRAFICO
- TE** HISTÓRIA EM QUADRINHOS

**ARTES PLÁSTICAS**

**NE:** Conjunto de artes em que se recriam linhas, formas, cores, volumes, como o desenho, a pintura, a escultura, a gravura, e a arquitetura. (HOUAISS, 2015).

- TG** ARTE
- TE** ARQUITETURA
- TE** DESENHO
- TE** ESCULTURA
- TE** GRAVURA
- TE** PINTURA

**BALADA**

**NE:** Francês *ballade*; provençal *balada*; baixo latim *ballare*, dançar. Com sentido poético, o termo *ballade* apareceu no século XIII, em Adam de La Halle. A origem da balada é folclórica e surge literariamente com os povos germânicos na Idade Média. (SOARES, 2010).

- TGM** GÊNEROS LITERÁRIOS
- TG** GÊNERO LÍRICO
- TR** CANÇÃO
- TR** ELEGIA
- TR** HAICAI
- TR** ODE

**BARDO DE AVON**

**USE** WILLIAM SHAKESPEARE

**BENVÓLIO (PERSONAGEM)**

**NE:** Primo e amigo de Romeu. (HELIODORA, 2014).

- TGM** LITERATURA
- TG** LITERATURA INGLESA
- TG** DRAMA ELISABETANO
- TG** WILLIAM SHAKESPEARE
- TG** DRAMA ELISABETANO
- TGP** ROMEU E JULIETA (PEÇA)
- TR** AMA DE JULIETA (PERSONAGEM)
- TR** FREI LOURENÇO (PERSONAGEM)
- TR** JULIETA CAPULETO (PERSONAGEM)
- TR** O PRÍNCIPE DE VERONA (PERSONAGEM)
- TR** MERCÚTIO (PERSONAGEM)
- TR** PÁRIS (PERSONAGEM)
- TR** ROMEU MONTÉQUIO (PERSONAGEM)
- TR** TEOBALDO (PERSONAGEM)

**CÂNONE**

**NE:** Gr. *kanon*, régua, regra, medida, norma, pelo lat. *canon, onis*. Designa os princípios literários que permitem organizar a lista de obras autênticas de um autor, bem como as obras consideradas indispensáveis à formação do estudante. (MOISÉS, 2002).

**UP** PRINCÍPIOS LITERÁRIOS

**TGP** LITERATURA

**CANÇÃO**

**NE:** Latim *cantione* (m), canto, canção. Genericamente designa toda composição poética destinada ao canto. (SOARES, 2010).

**TGM** GÊNERO NARRATIVO

**TG** GÊNERO LÍRICO

**TR** BALADA

**TR** ELEGIA

**TR** HAICAI

**TR** ODE

**CENA**

**USE** CENÁRIO

**CENÁRIO**

**NE:** Também denominado ambiente, cenário ou localização, o espaço é o conjunto de elementos da paisagem exterior (espaço físico) ou interior (espaço psicológico), onde se situam as ações das personagens. Ele é imprescindível, pois não funciona apenas como pano de fundo, mas influencia diretamente no desenvolvimento do enredo, unindo-se ao tempo. (SOARES, 2010).

**UP** AMBIENTE

**UP** CENA

**UP** ESPAÇO

**UP** LOCALIZAÇÃO

**TGP** TEATRO

**TR** ENREDO

**TR** PERSONAGEM

**TR** PONTO DE VISTA

**TR** ROMANCE

**TR** TEMPO

**CISNE DE AVON**

**USE** WILLIAM SHAKESPEARE

**CLÁUDIO (PERSONAGEM)**

**NE:** Tio de Hamlet, o novo rei da Dinamarca. (HELIODORA, 2014).

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TGP** WILLIAM SHAKESPEARE

**TG** TRAGÉDIA

**TGP** HAMLET (PEÇA)

**TR** FANTASMA DE HAMLET PAI (PERSONAGEM)

**TR** FORTIMBRAS (PERSONAGEM)

**TR** GERTRUDE (PERSONAGEM)

- TR HAMLET (PERSONAGEM)
- TR HORÁCIO (PERSONAGEM)
- TR LAERTES (PERSONAGEM)
- TR OFÉLIA (PERSONAGEM)
- TR POLONIUS (PERSONAGEM)
- TR ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

### COMÉDIA

**NE:** A etimologia do vocábulo “comédia” (*komoidía*) nos permite ligar a origem dessa forma dramática ao festejo popular (*kômos*) ou a *kómas* (aldeia), pois os autores cômicos andavam de uma aldeia para a outra, por não serem prestigiados na cidade. Na comédia, a tensão própria do gênero dramático é extravasada com o riso. O problema apresentado, cuja resposta deve ser conseguida através da linguagem do *pathos*, resolveu-se em etapas sucessivas e se dispersa em tiradas ridículas. Há, assim, uma acomodação no cômico, que impede o desmoronamento do mundo da personagem. (SOARES, 2010).

**TGM** GÊNEROS LITERÁRIOS

**TG** GÊNERO DRAMÁTICO

**TR** TEATRO

**TR** FORMA DRAMÁTICA

**TR** HUMOR

**TR** OS SIMPSONS

**TR** SÁTIRA

**TR** TRAGÉDIA

**TR** TRAGICOMÉDIA

### CONTO

**NE:** É a designação da forma narrativa de menor extensão e se diferencia do romance e da novela não só pelo tamanho, mas por características estruturais próprias. (SOARES, 2010).

**TG** GÊNERO NARRATIVO

**TR** EPOPEIA

**TR** NOVELA

**TR** ROMANCE

### CORDEL

**USE** LITERATURA DE CORDEL

### CULTURA

**NE:** A cultura é uma dimensão importante no que tange à qualidade de vida. Primeiro, porque proporciona condições para se aprofundarem as reflexões sobre os parâmetros utilizados na interpretação sobre a qualidade de vida individual e coletiva, isso compreendendo cultura como processo da vida humana. (CASCÃO et.al., 2007).

**TE** CULTURA ERUDITA

**TE** CULTURA POPULAR

**TE** FOLCLORE

**TR** MEMÓRIA

**TR** MEMÓRIA COLETIVA

### CULTURA ERUDITA

**NE:** A cultura erudita opõe-se ao rude e, em geral, é identificada pelo conhecimento de autores e artistas clássicos. A produção cultural erudita é cultuada pela tradição e por instituições

oficiais, como universidades, conservatórios, bibliotecas e museus. É tida como a cultura da elite, uma vez que nem todos têm acesso a esses bens. (CASCÃO, et al., 2007).

**TG** CULTURA  
**TR** CULTURA POPULAR  
**TR** FOLCLORE  
**TR** MEMÓRIA

### **CULTURA POPULAR**

**NE:** É conhecida como aquela cultura anônima produzida pelas “pessoas comuns”. Diferentemente da cultura erudita, que é transmitida pela leitura e escrita ou por instituições oficiais, a cultura popular é geralmente transmitida pelos costumes e pela oralidade. Na hierarquia cultural, é considerada vulgar, inferior e simplória. Quase sempre identificada pelo folclore e artesanato, diz Oliveira. As discussões provocadas por movimentos multiculturalistas e interculturalistas, que consideram a diversidade cultural, têm provocado mudanças no sentido de reconhecer a importância da cultura popular na constituição dos sujeitos e das sociedades. (CASCÃO, et al., 2007).

**TG** CULTURA  
**TR** CULTURA ERUDITA  
**TR** FOLCLORE  
**TR** LITERATURA DE CORDEL  
**TR** MEMÓRIA

### **DESENHO**

**NE:** Representação gráfica de objetos e ideias feita sobre uma superfície. ((HOUAISS; VILLAR, 2009).

**TGM** ARTE  
**TG** ARTES GRÁFICAS  
**TGP** HISTÓRIA EM QUADRINHOS  
**TR** ARQUITETURA  
**TR** ESCULTURA  
**TR** GRAVURA  
**TR** MANGÁ  
**TR** PINTURA

### **DESENHO ANIMADO**

**NE:** Filme cinematográfico feito a partir de desenhos feitos em sequência e que, quando projetado numa tela, mostra as figuras em movimento. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

**TGM** ARTE  
**TG** ARTES GRÁFICAS  
**TE** IMAGEM  
**TE** OS SIMPSONS  
**TR** FILME CINEMATOGRAFICO  
**TR** HISTÓRIA EM QUADRINHOS  
**TR** HUMOR  
**TR** LITERATURA INFANTIL  
**TR** LITERATURA JUVENIL

### **DRAMA**

**NE:** Como sinônimo de peça teatral. (SOARES, 2010).

**UP** PEÇA TEATRAL

**TG** TEATRO  
**TE** DRAMA ELISABETANO  
**TR** DRAMATIZAÇÃO  
**TR** TRAGÉDIA

### **DRAMA (hibridismo tragédia e comédia)**

**USE** FORMA DRAMÁTICA

### **DRAMA ELISABETANO**

**NE:** A dramaturgia desenvolvida no período elisabetano, que teve seu como seu principal expoente William Shakespeare. (HELIODORA, 2015).

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA

**TG** LITERATURA ELISABETANA

**TR** WILLIAM SHAKESPEARE

### **DRAMATIZAÇÃO**

**NE:** Transposição ou transformação de uma obra de um gênero em outro (de um romance numa peça, por exemplo). A adaptação (ou dramatização\*) tem por objeto os conteúdos narrativos (a narrativa, a fábula\*) que são mantidos (mais ou menos fielmente, com diferenças às vezes consideráveis), enquanto a estrutura discursiva conhece uma transformação radical, principalmente pelo falo da passagem a um dispositivo de enunciação\* inteiramente diferente. (PAVIS, 2008).

**UP** ADAPTAÇÃO

**UP** REESCRITA

**UP** RELEITURA

**TG** GÊNEROS LITERÁRIOS

**TGP** TEATRO

**TR** DRAMA

**TR** FORMA DRAMÁTICA

**TR** GÊNERO DRAMÁTICO

### **ELEGIA**

**NE:** Grego *elegeía*, cantos de luto e tristeza. O nome deve-se talvez à transcrição helênica do vocábulo armênio (*elegn, elegneay*) que significava “bambu” ou “flauta de bambu”, já que esta acompanha os cantos lutuozos. Geralmente seu tema é lamento e o pranto pela morte de alguém ilustre e identifica-se por sua feição sentenciosa, transmissora de conceitos e máximas morais, que visam a fornecer regras para suportar infortúnios. (SOARES, 2010).

**TGM** GÊNERO LITERÁRIO

**TG** GÊNERO LÍRICO

**TR** BALADA

**TR** CANÇÃO

**TR** HAICAI

**TR** ODE

### **EPOPEIA**

**NE:** Sendo a epopeia uma longa narrativa literária de caráter heroico, grandioso e de interesse nacional e social, ela apresenta, juntamente com todos os elementos narrativos (o narrador, o narratário, personagens, tema, enredo, espaço e tempo), uma atmosfera maravilhosa que, em torno de acontecimentos históricos passados, reúne mitos, heróis e deuses, podendo-se



apresentar em prosa (como as canções de gesta medievais) ou em verso (como Os lusíadas). (SOARES, 2010).

**TG** GÊNERO NARRATIVO  
**TR** CONTO  
**TR** NOVELA  
**TR** ROMANCE

### **ENREDO**

**NE:** Sendo resultado da ação das personagens, o enredo (também chamado trama ou intriga) só adquire existência através do discurso narrativo, isto é, do modo especial com que se organizam os acontecimentos. (SOARES, 2010).

**UP** INTRIGA  
**UP** TRAMA  
**TG** GÊNERO NARRATIVO  
**TGP** ROMANCE  
**TR** CENÁRIO  
**TR** PERSONAGEM  
**TR** PONTO DE VISTA  
**TR** TEMPO

### **ESCULTURA**

**NE:** Obra de arte em madeira, pedra, metal etc. (HOUAISS, 2015).

**TG** ARTES PLÁSTICAS  
**TR** ARQUITETURA  
**TR** DESENHO  
**TR** GRAVURA  
**TR** PINTURA

### **ESPAÇO**

**USE** CENÁRIO

### **ESTOICISMO**

**NE:** Doutrina filosófica que faz da virtude a verdadeira felicidade e que prega a indiferença em relação ao prazer, à paixão e à dor. (HOUAISS, 2015).

**TG** FILOSOFIA  
**TE** SÊNECA

### **FANTASMA (PERSONAGEM)**

**NE:** Fantasma de Hamlet pai, que era o rei. (HELIODORA, 2014).

**TGM** LITERATURA INGLESA  
**TG** DRAMA ELISABETANO  
**TG** WILLIAM SHAKESPEARE  
**TG** TRAGÉDIA  
**TG** HAMLET (PEÇA)  
**TR** CLÁUDIO (PERSONAGEM)  
**TR** FORTIMBRAS (PERSONAGEM)  
**TR** GERTRUDE (PERSONAGEM)  
**TR** HAMLET (PERSONAGEM)  
**TR** HORÁCIO (PERSONAGEM)  
**TR** LAERTES (PERSONAGEM)

- TR** OFÉLIA (PERSONAGEM)  
**TR** POLONIUS (PERSONAGEM)  
**TR** ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

### **FILME CINEMATOGRAFICO**

**NE:** Filme usado em equipamento especial para registro, edição e exibição de imagens em movimento. (HOUAISS, 2015).

- TGM** ARTE  
**TG** ARTES GRÁFICAS  
**TEP** IMAGEM  
**TR** DESENHO ANIMADO

### **FILOSOFIA**

**NE:** Conjunto de estudos teóricos que procuram explicar a realidade e os valores humanos. (HOUAISS, 2015).

- TE** ESTOICISMO  
**TR** SÊNECA

### **FOLCLORE**

**NE:** Folclore é uma palavra inventada da fusão de outras duas (*folk -lore* – saber tradicional de um povo), usada pela primeira vez em 1856 em uma carta escrita pelo inglês William John Thoms para uma revista londrina, ao citar os costumes e as tradições populares. (CASCÃO, et al., 2007).

- TG** CULTURA  
**TR** CULTURA ERUDITA  
**TR** CULTURA POPULAR  
**TR** LITERATURA DE CORDEL

### **FOLHETO (DE CORDEL)**

**NE:** No Brasil, o cordel surgiu na segunda metade do século XIX e expandiu-se da Bahia ao Pará, antes de alcançar outros Estados. Os folhetos, vendidos nas feiras, tornaram-se a principal fonte de divertimento e informação para a população, que via neles o jornal e a enciclopédia, de maneira quase simultânea. (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, 2004).

- TGM** LITERATURA  
**TG** LITERATURA DE CORDEL

### **FORMA DRAMÁTICA**

**NE:** Uma forma dramática específica, que resulta do hibridismo da tragédia com a comédia. Com essa terceira acepção surge o drama, na primeira metade do século XVIII, como criação do dramaturgo francês Nivelle de La Chaussée. (SOARES, 2010).

- UP** DRAMA  
**TG** GÊNEROS LITERÁRIOS  
**TEP** COMÉDIA  
**TEP** TRAGÉDIA  
**TR** DRAMATIZAÇÃO  
**TR** GÊNERO DRAMÁTICO  
**TR** GÊNERO LÍRICO  
**TR** GÊNERO NARRATIVO  
**TR** TEATRO

**FORTIMBRAS (PERSONAGEM)**

**NE:** Príncipe da Noruega. (HELIODORA, 2014).

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** WILLIAM SHAKESPEARE

**TGP** TRAGÉDIA

**TGP** HAMLET (PEÇA)

**TR** CLÁUDIO (PERSONAGEM)

**TR** FANTASMA (PERSONAGEM)

**TR** GERTRUDE (PERSONAGEM)

**TR** HAMLET (PERSONAGEM)

**TR** HORÁCIO (PERSONAGEM)

**TR** LAERTES (PERSONAGEM)

**TR** OFÉLIA (PERSONAGEM)

**TR** POLONIUS (PERSONAGEM)

**TR** ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

**FREI LOURENÇO (PERSONAGEM)**

**NE:** Confessor de Romeu e Julieta. (HELIODORA, 2014).

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** WILLIAM SHAKESPEARE

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TGP** ROMEU E JULIETA (PEÇA)

**TR** AMA DE JULIETA (PERSONAGEM)

**TR** BENVÓLIO (PERSONAGEM)

**TR** JULIETA CAPULETO (PERSONAGEM)

**TR** O PRÍNCIPE DE VERONA (PERSONAGEM)

**TR** MERCÚTIO (PERSONAGEM)

**TR** PÁRIS (PERSONAGEM)

**TR** ROMEU MONTÉQUIO (PERSONAGEM)

**TR** TEOBALDO (PERSONAGEM)

**GÊNERO DRAMÁTICO**

A palavra drama se emprega para designar o gênero dramático em geral (SOARES, 2010).

**TGM** LITERATURA

**TG** GÊNEROS LITERÁRIOS

**TE** COMÉDIA

**TE** DRAMA

**TE** TRAGÉDIA

**TR** DRAMATIZAÇÃO

**TR** FORMA DRAMÁTICA

**TR** GÊNERO LÍRICO

**TR** GÊNERO NARRATIVO

**TR** TEATRO

**GÊNEROS LITERÁRIOS**

**NE:** Como um dos representantes máximos do imanentismo, Roman Jakobson, com sua teoria da hierarquização das funções da linguagem no texto poético, identifica o literário como o domínio da função poética sobre as demais e, com relação aos gêneros, acrescenta que abaixo da função poética dominante estaria, na épica, a função referencial (centrada na 3ª pessoa), na lírica (voltada para a 1ª pessoa), se situaria a função emotiva, e na dramática (ligada à 2ª pessoa), se localizaria a função conotativa. (SOARES, 2010).

**TG** LITERATURA  
**TE** DRAMATIZAÇÃO  
**TE** FORMA DRAMÁTICA  
**TE** GÊNERO DRAMÁTICO  
**TE** GÊNERO LÍRICO  
**TE** GÊNERO NARRATIVO

### **GÊNERO LÍRICO**

**NE:** Sabemos que, na Antiguidade, enquanto a epopeia se destinava a cantar o coletivo, a unidade da *pólis*, outro tipo de composição, naquela época acompanhada pela flauta ou pela lira, surgia voltada para a expressão dos sentimentos mais individualizados, como as cantigas de ninar, os lamentos pela morte de alguém, os cantares de amor... Eram os cantos líricos que (mesmo quando ligados a aspectos da vida comunitária: o “lirismo coral”), já em suas origens, vinham marcados pela emoção, pela musicalidade e pela eliminação do distanciamento entre o eu poético e o objeto cantado. Ao passar da forma somente cantada para a escrita, nesta se conservariam recursos que aproximariam música e palavra. Algumas formas líricas fixas: balada, canção, elegia e *haikai*. (SOARES, 2010).

**TGM** LITERATURA  
**TG** GÊNEROS LITERÁRIOS  
**TE** BALADA  
**TE** CANÇÃO  
**TE** ELEGIA  
**TE** HAICAI  
**TE** ODE  
**TR** DRAMATIZAÇÃO  
**TR** FORMA DRAMÁTICA  
**TR** GÊNERO DRAMÁTICO  
**TR** GÊNERO NARRATIVO

### **GÊNERO NARRATIVO**

**NE:** Segundo Antenor Nascentes (c1981), “narrativa é a narração feita com arte e narração é o ato de narrar”, ou seja, “expor, contar, relatar, referir, dizer”. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

**TGM** LITERATURA  
**TG** GÊNEROS LITERÁRIOS  
**TE** CONTO  
**TE** EPOPEIA  
**TE** NOVELA  
**TE** ROMANCE  
**TR** DRAMATIZAÇÃO  
**TR** FORMA DRAMÁTICA  
**TR** GÊNERO DRAMÁTICO  
**TR** GÊNERO LÍRICO

### **GERTRUDE (PERSONAGEM)**

**NE:** Mulher de Cláudio, viúva de Hamlet pai, mãe de Hamlet. (HELIODORA, 2014)

**TG** PERSONAGEM

**TGP** DRAMA ELISABETANO

**TGP** WILLIAM SHAKESPEARE

**TGP** HAMLET (PEÇA)

**TR** CLÁUDIO (PERSONAGEM)

**TR** FANTASMA (PERSONAGEM)

**TR** FORTIMBRAS (PERSONAGEM)

**TR** HAMLET (PERSONAGEM)

**TR** HORÁCIO (PERSONAGEM)

**TR** LAERTES (PERSONAGEM)

**TR** OFÉLIA (PERSONAGEM)

**TR** POLONIUS (PERSONAGEM)

**TR** ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

**TR** TRAGÉDIA

## **GIBI**

**USE** HISTÓRIA EM QUADRINHOS

## **GRAVURA**

**NE:** Impressão feita a partir de matriz de madeira, metal ou pedra. (HOUAISS, 2015).

**TGM** ARTE

**TG** ARTES PLÁSTICAS

**TR** ARQUITETURA

**TR** DESENHO

**TR** ESCULTURA

**TR** PINTURA

## **HAICAI**

**NE:** Japonês *haiku*, versos cômicos; *haikai*, poemas cômicos -, poema japonês caracterizado pela brevidade. (SOARES, 2010).

**TGM** GÊNEROS LITERÁRIOS

**TG** GÊNERO LÍRICO

**TR** BALADA

**TR** CANÇÃO

**TR** ELEGIA

**TR** ODE

## **HAMLET (PEÇA)**

**NE:** Possivelmente a mais famosa de todas as obras dramáticas de William Shakespeare, foi a primeira a ser escrita no chamado período trágico. A trama em si surge a partir de uma coletânea de canções medievais islandesas intitulada *Edda*. Em todo o material conhecido, a história é uma modesta trama de vingança, com o pai de Hamlet sendo abertamente morto pelo irmão quando o príncipe ainda era menino. Neste momento, Hamlet resolve se fazer de tolo ou de louco para escapar das mãos do tio. Essa postura lhe permite não só crescer e vingar o pai, como ascender ao trono. A tragédia shakespeariana, no entanto, ficou famosa por ter transformado uma simples história de vingança em uma grande e profunda reflexão sobre a condição humana. (HELIODORA, 2014).

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO  
**TG** WILLIAM SHAKESPEARE  
**TG** TRAGÉDIA  
**TEP** CLÁUDIO (PERSONAGEM)  
**TEP** FANTASMA (PERSONAGEM)  
**TEP** FORTIMBRAS (PERSONAGEM)  
**TEP** GERTRUDE (PERSONAGEM)  
**TEP** HAMLET (PERSONAGEM)  
**TEP** HORÁCIO (PERSONAGEM)  
**TEP** LAERTES (PERSONAGEM)  
**TEP** OFÉLIA (PERSONAGEM)  
**TEP** POLONIUS (PERSONAGEM)  
**TEP** ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

### **HAMLET (PERSONAGEM)**

**NE:** A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca. O protagonista da tragédia. Muitos absurdos foram escritos sobre Hamlet do que qualquer outro personagem de Shakespeare. Este papel já foi interpretado tanto em livros quanto no palco. Certamente ele não é louco; uma vez que menciona especificamente (I,v) que sua intenção é parecer um tolo. Mas podemos perceber, de acordo com evidências internas, que Hamlet é um jovem ativo e sensível, segundo Ofélia o descreve (III,i). (MAGILL; AULT, 1960).

**TGM** LITERATURA INGLESA  
**TG** WILLIAM SHAKESPEARE  
**TG** DRAMA ELISABETANO  
**TGP** HAMLET (PEÇA)  
**TR** CLÁUDIO (PERSONAGEM)  
**TR** FANTASMA (PERSONAGEM)  
**TR** FORTIMBRAS (PERSONAGEM)  
**TR** HORÁCIO (PERSONAGEM)  
**TR** GERTRUDE (PERSONAGEM)  
**TR** LAERTES (PERSONAGEM)  
**TR** OFÉLIA (PERSONAGEM)  
**TR** POLONIUS (PERSONAGEM)  
**TR** ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

### **HISTÓRIA EM QUADRINHOS**

**NE:** Sequência de desenhos, com diálogos em balões que contam uma história. (HOUAISS, 2015).

**UP** GIBI  
**TGM** ARTE  
**TG** ARTES GRÁFICAS  
**TEP** DESENHO  
**TE** MANGÁ  
**TR** DESENHO ANIMADO  
**TR** HUMOR  
**TR** LITERATURA INFANTIL  
**TR** LITERATURA JUVENIL

### **HORÁCIO (PERSONAGEM)**

**NE:** Amigo de Hamlet. (HELIODORA, 2014).

**TGM** LITERATURA INGLESA  
**TG** DRAMA ELISABETANO  
**TG** WILLIAM SHAKESPEARE  
**TG** TRAGÉDIA  
**TGP** HAMLET (PEÇA)  
**TR** CLÁUDIO (PERSONAGEM)  
**TR** FANTASMA (PERSONAGEM)  
**TR** FORTIMBRAS (PERSONAGEM)  
**TR** HAMLET (PERSONAGEM)  
**TR** GERTRUDE (PERSONAGEM)  
**TR** LAERTES (PERSONAGEM)  
**TR** OFÉLIA (PERSONAGEM)  
**TR** POLONIUS (PERSONAGEM)  
**TR** ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

### **HUMOR**

**NE:** O humor se confunde com o surgimento das histórias em quadrinhos. Desde o início do século XIX, aumentam os exemplos de desenhos cômicos nos jornais de diferentes países da Europa e das Américas. Na maioria, eram trabalhos caricatos, curtos, que ajudaram a firmar a linguagem usada hoje nos quadrinhos. (RAMOS, 2009).

**TG** GÊNEROS LITERÁRIOS  
**TE** PARÓDIA  
**TR** DESENHO ANIMADO  
**TR** HISTÓRIA EM QUADRINHOS  
**TR** OS SIMPSONS  
**TR** SÁTIRA

### **IMAGEM**

**NE:** Representação bidimensional de um ou de vários objetos ou formas. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

**TG** ARTES PLÁSTICAS  
**TG** DESENHO ANIMADO  
**TGP** FILMES CINEMATROGÁFICOS  
**TGP** PINTURA  
**TR** DESENHO ANIMADO  
**TR** TINTA

### **INTRIGA**

**USE** ENREDO

### **JULIETA CAPULETO (PERSONAGEM)**

**NE:** Personagem principal da Tragédia de Romeu e Julieta. Julieta, a outra parte metade do amor proibido. Apesar de ser muito jovem, treze anos de idade, a personagem é doce, amável e sincera, sendo considerada uma das mais admiráveis heroínas de Shakespeare; mas Julieta pode ser inflexível quando suas emoções estão envolvidas. (MAGILL; AULT, 1960).

**TGM** LITERATURA INGLESA  
**TG** DRAMA ELISABETANO  
**TG** WILLIAM SHAKESPEARE  
**TGP** ROMEU E JULIETA (PEÇA)  
**TR** AMA DE JULIETA (PERSONAGEM)

**TR** BENVÓLIO (PERSONAGEM)  
**TR** FREI LOURENÇO (PERSONAGEM)  
**TR** O PRÍNCIPE DE VERONA (PERSONAGEM)  
**TR** MERCÚTIO (PERSONAGEM)  
**TR** PÁRIS (PERSONAGEM)  
**TR** ROMEU MONTÉQUIO (PERSONAGEM)  
**TR** TEOBALDO (PERSONAGEM)

#### **LAERTES (PERSONAGEM)**

**NE:** Filho de Polonius. (HELIODORA, 2014).

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** WILLIAM SHAKESPEARE

**TG** TRAGÉDIA

**TGP** HAMLET (PEÇA)

**TR** CLÁUDIO (PERSONAGEM)

**TR** FANTASMA (PERSONAGEM)

**TR** FORTIMBRAS (PERSONAGEM)

**TR** HAMLET (PERSONAGEM)

**TR** GERTRUDE (PERSONAGEM)

**TR** HORÁCIO (PERSONAGEM)

**TR** OFÉLIA (PERSONAGEM)

**TR** POLONIUS (PERSONAGEM)

**TR** ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

#### **LITERATURA**

**NE:** Latim *litteratura* (m), de *littera*, letra. Primitivamente, o vocábulo designava o ensino das primeiras letras. Com o tempo, passou a significar “ arte das belas letras” e, por fim, “arte literária”. Até o século XVIII, preferiu-se o termo “poesia”, ao qual se atribuía sentido solene e elevado. Somente a partir do século XIX é que a palavra “Literatura” entrou a ser empregada para definir uma atividade que, além de incluir os textos poéticos, abrangia todas as expressões escritas, mesmo as científicas e filosóficas. (MOISÉS, 2002).

**TE** CÂNONE

**TE** DRAMA

**TE** DRAMA ELISABETANO

**TE** HUMOR

**TE** LITERATURA DE CORDEL

**TE** LITERATURA INFANTIL

**TE** LITERATURA JUVENIL

**TE** LITERATURA INGLESA

#### **LITERATURA DE CORDEL**

**NE:** Denominação dada em Portugal e difundida no Brasil depois de 1960, referente aos folhetos impressos compostos pelo Nordeste presentemente divulgados e correntes em todo o Brasil. Cordel é vocábulo desusado no Brasil, mesmo entre letrados. (CASCUDO L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 2012).

**UP** CORDEL

**TG** LITERATURA

**TE** FOLHETO

**TR** CÂNONE



**TR** CULTURA POPULAR  
**TR** DRAMA  
**TR** FOLCLORE  
**TR** HUMOR  
**TR** LITERATURA INFANTIL  
**TR** LITERATURA JUVENIL  
**TR** LITERATURA INGLESA

### **LITERATURA INFANTIL**

**NE:** Literatura destinada a crianças. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

**TG** LITERATURA  
**TR** CÂNONE  
**TR** DESENHO ANIMADO  
**TR** HISTÓRIA EM QUADRINHOS  
**TR** DRAMA  
**TR** HUMOR  
**TR** LITERATURA DE CORDEL  
**TR** LITERATURA JUVENIL  
**TR** LITERATURA INGLESA

### **LITERATURA INGLESA**

**NE:** Literatura Inglesa, o conjunto de trabalhos escritos produzidos na língua inglesa por habitantes das Ilhas Britânicas (incluindo a Irlanda) desde o século VII até a presente data. (ENCICLOPAEDIA BRITANNICA, 2016a).

**TG** LITERATURA  
**TE** DRAMA ELISABETANO  
**TEP** WILLIAM SHAKESPEARE  
**TR** CÂNONE  
**TR** HUMOR  
**TR** LITERATURA DE CORDEL  
**TR** LITERATURA INFANTIL  
**TR** LITERATURA JUVENIL  
**TR** LITERATURA INGLESA

### **LITERATURA JUVENIL**

**NE:** Literatura destinada a adolescentes. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

**TG** LITERATURA  
**TR** CÂNONE  
**TR** DESENHO ANIMADO  
**TR** DRAMA  
**TR** HISTÓRIA EM QUADRINHOS  
**TR** HUMOR  
**TR** LITERATURA DE CORDEL  
**TR** LITERATURA INFANTIL  
**TR** LITERATURA INGLESA  
**TR** MANGÁ

### **LOCALIZAÇÃO**

**USE** CENÁRIO

**MANGÁ**

**NE:** Hokusai foi o primeiro a utilizar, em 1815, o termo mangá. Por isso, suas obras foram inicialmente conhecidas como *Hosukai Mangá*. A palavra em japonês significa “involuntário” (man) e “desenho/imagem” (gá). No entanto, o quadrinho original japonês, que trazia aspectos da cultura e da narrativa daquele país, surgiu mesmo com Rakuten Kitazawa (1876-1955). Ele criou em 1901 a história Tagosaku to Makube no Tokyo Kembutsu (em tradução livre: Tagosaku e Mokube fazem turismo em Tokyo) que trazia personagens regulares. O artista também adotou o termo mangá para definir seu trabalho. Nascia assim o cerne do que seriam os quadrinhos no país, com características próprias e narrativa voltada à realidade local. (BARBOSA, 2009).

**TGM** ARTES GRÁFICAS

**TG** HISTÓRIA EM QUADRINHOS

**TR** DESENHO

**TR** LITERATURA JUVENIL

**MEMÓRIA**

**NE:** A memória como recurso de construção do conhecimento sobre o presente e o futuro, independentemente do debate sobre as várias versões, é um conhecimento profundo, diferente do conhecimento superficial partilhado pelo homem comum. (CASCÃO, et al., 2007).

**TE** MEMÓRIA COLETIVA

**TR** CULTURA

**MEMÓRIA COLETIVA**

**NE:** Memória coletiva é compreendida como a principal memória no processo de constituição do sujeito social. Para alguns autores, ela é a principal porque não existe memória individual, apenas coletiva. O indivíduo tem lembranças, mas mesmo a lembrança aparentemente mais particular possui um caráter particularista, remetendo a um grupo, a um contexto de interação. Para outros autores, a memória é pertencente à esfera individual e está carregada de material psicológico. (CASCÃO, et al., 2007).

**TG** MEMÓRIA

**TR** CULTURA

**MERCÚTIO (PERSONAGEM)**

**NE:** Parente do príncipe. (HELIODORA, 2014)

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** WILLIAM SHAKESPEARE

**TGP** ROMÉU E JULIETA (PEÇA)

**TR** AMA DE JULIETA (PERSONAGEM)

**TR** BENVÓLIO (PERSONAGEM)

**TR** JULIETA CAPULETO (PERSONAGEM)

**TR** FREI LOURENÇO (PERSONAGEM)

**TR** O PRÍNCIPE DE VERONA (PERSONAGEM)

**TR** PÁRIS (PERSONAGEM)

**TR** ROMÉU MONTÉQUIO (PERSONAGEM)

**TR** TEOBALDO (PERSONAGEM)

**NOVELA**

**NE:** É a forma narrativa intermediária, em extensão, entre o conto e o romance. Sendo mais reduzida que o romance, tem todos os elementos estruturados deste, em número menor. (SOARES, 2010).

**TG** GÊNERO NARRATIVO

**TR** CONTO

**TR** EPOPEIA

**TR** ROMANCE

**ODE**

**NE:** Grego *oidê*, canto. Originariamente consistia num poema destinado ao canto, composto em quartetos formados por versos de metros variados, que proporcionassem determinados efeitos musicais e emocionais. (SOARES, 2010).

**TGM** GÊNEROS LITERÁRIOS

**TG** GÊNERO LÍRICO

**TR** BALADA

**TR** CANÇÃO

**TR** ELEGIA

**TR** HAICAI

**OFÉLIA (PERSONAGEM)**

**NE:** Filha de Polonius, apaixonada por Hamlet. (HELIODORA, 2014)

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** WILLIAM SHAKESPEARE

**TG** TRAGÉDIA

**TGP** HAMLET (PEÇA)

**TR** CLÁUDIO (PERSONAGEM)

**TR** FANTASMA (PERSONAGEM)

**TR** FORTIMBRAS (PERSONAGEM)

**TR** HAMLET (PERSONAGEM)

**TR** GERTRUDE (PERSONAGEM)

**TR** HORÁCIO (PERSONAGEM)

**TR** LAERTES (PERSONAGEM)

**TR** POLONIUS (PERSONAGEM)

**TR** ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

**OS SIMPSONS**

**NE:** A série animada do horário nobre é a comédia há mais tempo no ar na história da televisão, "Os Simpsons" também é uma instituição cultural. "Os Simpsons" tem uma base de fãs dedicada e extremamente leal em todo o mundo. Com roteiros inteligentes, humor subversivo e divertidamente genial, a série faz piadas de si mesma e de todo mundo que aparecer em seu caminho. Criada por Matt Groening, a família Simpsons mora na cidade de Springfield. Homer trabalha como inspetor de segurança numa usina de energia nuclear. Marge tenta manter a paz em sua família. Bart é um travesso garoto de 10 anos. Lisa, 8, é a inteligente da família, que adora tocar saxofone e é vegetariana. E a pequena Maggie conquista todos enquanto não larga sua chupeta. E a série tem um rico, e muitas vezes estranho, universo de personagens que também habitam Springfield. (FOXPLAY, 2015).

**TGM** ARTES GRÁFICAS

**TG** COMÉDIA

**TG** DESENHO ANIMADO  
**TR** HUMOR  
**TR** PARÓDIA  
**TR** SÁTIRA

### **PÁRIS (PERSONAGEM)**

**NE:** Candidato à mão de Julieta. (HELIODORA, 2014)

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** WILLIAM SHAKESPEARE

**TGP** ROMÉU E JULIETA (PEÇA)

**TR** AMA DE JULIETA (PERSONAGEM)

**TR** BENVÓLIO (PERSONAGEM)

**TR** JULIETA CAPULETO (PERSONAGEM)

**TR** FREI LOURENÇO (PERSONAGEM)

**TR** O PRÍNCIPE DE VERONA (PERSONAGEM)

**TR** MERCÚTIO (PERSONAGEM)

**TR** ROMÉU MONTÉQUIO (PERSONAGEM)

**TR** TEOBALDO (PERSONAGEM)

### **PARÓDIA**

**NE:** Peça ou fragmento que transforma ironicamente um texto preexistente, zombando dele por toda espécie de efeito cômico. O Littré define a paródia como sendo "peça de teatro de gênero burlesco que traveste uma peça de gênero nobre", ARISTÓTELES atribui sua invenção a HEGEMON DE THASOS, ao passo que ARISTÓFANES parodia obras de ÉSQUILO e EURÍPIDES em *As Rãs*. (PAVIS, 2008).

**TG** HUMOR

**TG** TEATRO

**TR** COMÉDIA

**TR** OS SIMPSONS

**TR** SÁTIRA

### **PEÇA TEATRAL**

**USE** DRAMA

### **PERSONAGEM**

**NE:** As personagens funcionam, segundo o teórico francês Roland Barthes, como agentes da narrativa. Isto porque depende delas o sentido das ações que compõem a trama. (SOARES, 2010)

**TG** GÊNERO NARRATIVO

**TGP** ROMANCE

**TR** CENÁRIO

**TR** ENREDO

**TR** PONTO DE VISTA

**TR** TEATRO

**TR** TEMPO

### **PINTURA**

**NE:** Imagem obtida pela aplicação de tintas sobre uma superfície plana a fim de representar figuras, formas abstratas, objetos e outros tipos de itens passíveis de representação (baseado na ISO 52127). (CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

**TG** ARTES PLÁSTICAS

**TEP** TINTA

**TEP** IMAGEM

**TR** ARQUITETURA

**TR** DESENHO

**TR** ESCULTURA

**TR** GRAVURA

### **POLONIUS (PERSONAGEM)**

**NE:** Conselheiro do rei. (HELIODORA, 2014)

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** WILLIAM SHAKESPEARE

**TG** TRAGÉDIA

**TGP** HAMLET (PEÇA)

**TR** CLÁUDIO (PERSONAGEM)

**TR** FANTASMA (PERSONAGEM)

**TR** FORTIMBRAS (PERSONAGEM)

**TR** HAMLET (PERSONAGEM)

**TR** GERTRUDE (PERSONAGEM)

**TR** HORÁCIO (PERSONAGEM)

**TR** LAERTES (PERSONAGEM)

**TR** OFÉLIA (PERSONAGEM)

**TR** ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

### **PONTO DE VISTA**

**NE:** Por ponto de vista, foco narrativo ou focalização, entendemos a relação entre o narrador e o universo diegético e ainda o narrador e o narratário. (SOARES, 2010).

**TGP** ROMANCE

**TR** CENÁRIO

**TR** ENREDO

**TR** PERSONAGEM

**TR** TEMPO

### **PRÍNCIPE DE VERONA (PERSONAGEM)**

**NE:** O príncipe de Verona. (HELIODORA, 2014).

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** WILLIAM SHAKESPEARE

**TGP** ROMÉU E JULIETA (PEÇA)

**TR** AMA DE JULIETA (PERSONAGEM)

**TR** BENVÓLIO (PERSONAGEM)

**TR** JULIETA CAPULETO (PERSONAGEM)

**TR** FREI LOURENÇO (PERSONAGEM)

**TR** MERCÚTIO (PERSONAGEM)

**TR** PÁRIS (PERSONAGEM)

**TR** ROMÉU MONTÉQUIO (PERSONAGEM)

**TR** TEOBALDO (PERSONAGEM)

### **PRINCÍPIOS LITERÁRIOS**

**USE** CÂNONE

### **REESCRITA**

**USE** DRAMATIZAÇÃO

### **RELEITURA**

**USE** DRAMATIZAÇÃO

### **REPRESENTAÇÃO TEATRAL**

**NE:** Espetáculo teatral; encenação, montagem. (HOUAISS; VILLAR, 2009)

**TG** ARTE

**TGP** TEATRO

**TR** ARTES CÊNICAS

### **ROMANCE**

**NE:** O romance vem a ser a forma narrativa que, embora sem nenhuma relação genética com a epopeia (como nos demonstram as teses mais avançadas), a ela equivale nos tempos modernos. E, ao contrário da epopeia, como forma representativa do mundo burguês, volta-se para o homem como indivíduo. Em qualquer dessas formas, ora perfeitamente delineados e identificáveis, ora desestruturados e camuflados, o enredo, as personagens, o espaço, o tempo e o ponto de vista da narrativa constituem os elementos estruturadores do romance. (SOARES, 2010).

**TG** GÊNERO NARRATIVO

**TEP** ENREDO

**TEP** ESPAÇO

**TEP** PERSONAGEM

**TEP** PONTO DE VISTA

**TEP** TEMPO

**TR** CENÁRIO

**TR** CONTO

**TR** EPOPEIA

**TR** NOVELA

### **ROMEU**

**NE:** Personagem principal da Tragédia de Romeu e Julieta. Romeu, membro da família Montéquio. Shakespeare o constrói no início da peça como um jovem apaixonado pela ideia do amor. No desenrolar dos eventos, Romeu se torna mais sério e consciente de sua responsabilidade. (MAGILL; AULT, 1960).

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** WILLIAM SHAKESPEARE

**TGP** ROMÉU E JULIETA (PEÇA)

**TR** AMA DE JULIETA (PERSONAGEM)

**TR** BENVÓLIO (PERSONAGEM)

**TR** FREI LOURENÇO (PERSONAGEM)

- TR** JULIETA CAPULETO (PERSONAGEM)
- TR** MERCÚTIO (PERSONAGEM)
- TR** PÁRIS (PERSONAGEM)
- TR** PRÍNCIPE DE VERONA (PERSONAGEM)
- TR** TEOBALDO (PERSONAGEM)

### **ROMEU E JULIETA**

**NE:** Se Shakespeare havia atravessado uma fase realmente lírica, ela tem seu ponto mais alto na composição de Romeu e Julieta, uma de suas obras mais populares e única tragédia lírica que escreveu. Copiando a trama fielmente de um poema moralizante do inglês Arthur Brooke, que tivera imenso sucesso, em vez de condenar os dois jovens pelo imperdoável pecado de desobediência aos pais, Shakespeare os faz vítimas da luta entre suas famílias, e escreve não apenas uma grande história de amor como também uma grave denúncia contra a guerra civil, ilustradas na peça por meio do conflito entre os Montéquio e os Capuleto. (HELIODORA, 2014).

- TGM** LITERATURA INGLESA
- TG** DRAMA ELISABETANO
- TG** WILLIAM SHAKESPEARE
- TEP** AMA (PERSONAGEM)
- TEP** BENVÓLIO (PERSONAGEM)
- TEP** FREI LOURENÇO (PERSONAGEM)
- TEP** JULIETA CAPULETO (PERSONAGEM)
- TEP** MERCÚTIO (PERSONAGEM)
- TEP** PARIS (PERSONAGEM)
- TEP** PRÍNCIPE DE VERONA (PERSONAGEM)
- TEP** ROMEU MONTÉQUIO (PERSONAGEM)
- TEP** TEOBALDO (PERSONAGEM)

### **ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)**

**NE:** Supostos amigos de Hamlet, a serviço de Cláudio. (HELIODORA, 2014).

- TGM** LITERATURA INGLESA
- TG** DRAMA ELISABETANO
- TG** WILLIAM SHAKESPEARE
- TG** TRAGÉDIA
- TG** HAMLET (PEÇA)
- TR** CLÁUDIO (PERSONAGEM)
- TR** FANTASMA (PERSONAGEM)
- TR** FORTIMBRAS (PERSONAGEM)
- TR** HAMLET (PERSONAGEM)
- TR** GERTRUDE (PERSONAGEM)
- TR** HORÁCIO (PERSONAGEM)
- TR** LAERTES (PERSONAGEM)
- TR** OFÉLIA (PERSONAGEM)
- TR** ROSENCRATZ E GUILDENSTERN (PERSONAGEM)

### **SÁTIRA**

**NE:** Modalidade literária ou tom narrativo, consiste na crítica das instituições ou pessoas, na censura dos males da sociedade ou dos indivíduos. Vizinha da comédia\*, do humor\*, do

burlesco\*, da ironia\*, e cognatos, envolve uma atitude ofensiva, ainda quando dissimulada: o ataque é sua marca distintiva, a insatisfação perante o estabelecido, sua mola básica. De onde o substrato moralizante da sátira, inclusive nos casos em que a invectiva parece gratuita ou fruto do despeito. (MOISÉS, 2002).

**TG** LITERATURA  
**TR** COMÉDIA  
**TR** HUMOR  
**TR** OS SIMPSONS  
**TR** PARÓDIA  
**TR** SÊNECA

### **SÊNECA**

**NE:** O primeiro representante do estoicismo romano, sem contar as ideias estóicas que se encontram no ecletismo de Cícero, foi Lucius Annaeus Seneca, nascido em Córdoba (Espanha), aproximadamente quatro anos antes da era cristã. Era filho de Annaeus Seneca (55 a.C. -39 a.D.) – conhecido como Sêneca, o Velho-, que teve renome como retórico e do qual restou uma obra escrita (Declamações). Além de obras propriamente filosóficas, Sêneca escreveu ainda nove tragédias e uma obra-prima da sátira latina, *Apolokocintosis*, que ridicularizava Nero e suas pretensões à divindade. (PESSANHA, 1980.).

**TGM** FILOSOFIA  
**TG** ESTOICISMO  
**TR** TRAGÉDIA  
**TR** SÁTIRA  
**TR** WILLIAM SHAKESPEARE

### **TEATRO**

**NE:** Grego *théatron*, lugar onde se vê. O vocábulo teatro apresenta as seguintes acepções: 1) local onde se realizam determinados espetáculos, 2) os próprios espetáculos, 3) o conjunto de textos produzidos por um autor, nação, época, etc (MOISÉS, 2002).

**TG** ARTES CÊNICAS  
**TE** COMÉDIA  
**TE** DRAMA  
**TE** DRAMATIZAÇÃO  
**TE** TRAGÉDIA  
**TE** TEATRO LATINO  
**TEP** CENÁRIO  
**TEP** PERSONAGEM  
**TR** FORMA DRAMÁTICA  
**TR** GÊNERO DRAMÁTICO  
**TR** PERSONAGEM  
**TR** WILLIAM SHAKESPEARE

### **TEATRO LATINO**

**NE:** O conjunto de textos produzidos por um autor, nação, época, etc. (MOISÉS, 2002.)

**TG** TEATRO  
**TR** SÊNECA  
**TR** WILLIAM SHAKESPEARE

### **TEMPO**



**NE:** Toda narrativa desenrola-se dentro do fluxo do tempo, tanto no plano da diegese, quanto no do discurso (que conforma a diegese), pois este se organiza como sucessão de palavras e frases, que podem apresentar os fatos cronologicamente ou não. (SOARES, 2010.).

**TGP** ROMANCE

**TR** CENÁRIO

**TR** ENREDO

**TR** PERSONAGEM

**TR** PONTO DE VISTA

### **TEOBALDO**

**NE:** Primo de Julieta. (HELIODORA, 2014.)

**TGM** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** WILLIAM SHAKESPEARE

**TGP** ROMÉU E JULIETA (PEÇA)

**TR** AMA DE JULIETA (PERSONAGEM)

**TR** BENVÓLIO (PERSONAGEM)

**TR** JULIETA CAPULETO (PERSONAGEM)

**TR** FREI LOURENÇO (PERSONAGEM)

**TR** MERCÚTIO (PERSONAGEM)

**TR** PÁRIS (PERSONAGEM)

**TR** PRÍNCIPE DE VERONA (PERSONAGEM)

**TR** ROMÉU MONTÉQUIO (PERSONAGEM)

### **TINTA**

**NE:** Líquido colorido usado para escrever, imprimir ou pintar. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008.)

**TGM** ARTES CÊNICAS

**TGP** PINTURA

**TR** ARTES CÊNICAS

**TR** IMAGEM

### **TRAGÉDIA**

**NE:** Peça que representa uma ação humana funesta muitas vezes terminada em morte, ARISTÓTELES dá uma definição de tragédia que influenciará profundamente os dramaturgos até nossos dias: "A tragédia é a imitação de um a ação de caráter elevado e completo, de uma certa extensão, numa linguagem temperada com condimentos de uma espécie particular conforme as diversas partes, imitação que é feita por personagens em ação e não por meio de um a narrativa e que, provocando piedade e temor, opera a purgação própria de semelhantes emoções" (1449b). (PAVIS, 2008).

**TG** GÊNERO DRAMÁTICO

**TG** TEATRO

**TE** HAMLET (PEÇA)

**TE** ROMÉU E JULIETA

**TR** COMÉDIA

**TR** DRAMA

**TR** FORMA DRAMÁTICA

**TR** SÊNECA

**TR** TRAGICOMÉDIA

**TRAGICOMÉDIA**

**NE:** Peça que participa ao mesmo tempo da tragédia e da comédia. O termo (*tragico-comoedio*) é empregado pela primeira vez por PLAUTO no prólogo do Anfitrião. Na história teatral, a tragicomédia se define pelos três critérios do tragicômico (personagens, ação, estilo). (PAVIS, 2008).

**TGM** ARTES CÊNICAS

**TG** TEATRO

**TR** COMÉDIA

**TR** WILLIAM SHAKESPEARE

**TR** TRAGÉDIA

**TRAMA**

**USE** ENREDO

**WILLIAM SHAKESPEARE**

**NE:** Shakespeare, também soletrado como Shakspere, apelidado de Bardo de Avon ou Cisne de Avon (batizado 26 de abril de 1564, Stratford-upon- Avon , Warwickshire, Inglaterra, morreu 23 de abril de 1616 , Stratford -upon- Avon ) Poeta inglês , dramaturgo , e ator, muitas vezes chamado de o poeta nacional Inglês e considerado por muitos como o maior dramaturgo de todos os tempos. (ENCICLOPAEDIA BRITANNICA, 2016c).

**UP** BARDO DE AVON

**UP** CISNE DE AVON

**TGM** LITERATURA

**TG** LITERATURA INGLESA

**TG** DRAMA ELISABETANO

**TG** TRAGÉDIA

**TE** HAMLET (PEÇA)

**TE** ROMEU E JULIETA (PEÇA)

**TR** TEATRO

**TR** TEATRO LATINO

**TR** TRAGICOMÉDIA

**TR** SÊNECA

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral do presente trabalho foi elaborar um protótipo de tesouro, tendo como objeto de análise artigos, escritos em Português do Brasil, que abordassem os seguintes assuntos: Shakespeare e sua obra. Foram incluídos também artigos que tratam de adaptações das obras do dramaturgo para diversos gêneros textuais, desde pinturas até *mangás*.

Para auxiliar no desenvolvimento do presente trabalho, utilizaram-se como base fundamental as discussões sobre as contribuições da Linguística, por meio da Linguística Documentária, para a formação de Sistemas de Organização do Conhecimento, uma vez que a linguagem permeia diferentes campos do saber.

Os estudos de Lancaster (1987; 2004) foram utilizados para o estabelecimento de critérios, desde a forma como o profissional bibliotecário deve trabalhar com os documentos, qual tipo de leitura técnica deve ser adotado, bem como para a definição da quantidade de termos/conceitos analisados em cada artigo de periódico selecionado.

Além de Lancaster, outros autores que produzem frequentemente importantes trabalhos sobre vocabulários controlados e tesouros, sob a perspectiva da Organização do Conhecimento na CI, foram utilizados para nortear o presente estudo, com destaque para a Professoras Hagar Espanha Gomes e Maria Luiza de Almeida Campos. Seus manuais, livros e, até mesmo, tutoriais na *web* são ferramentas riquíssimas para auxiliar o bibliotecário- indexador a entender como organizar os termos e conceitos do campo semântico de uma área do conhecimento e, assim, representar os documentos de forma a disponibilizar os mesmos com qualidade, sempre pensando em estratégias para criar sistemas de recuperação da informação que tenham uma interface mais clara e próxima das necessidades do usuário. Para Gomes (1990) o uso de um vocabulário controlado, como o tesouro, é interessante, uma vez que sua estrutura permite a atualização e a inserção de novos termos de acordo com a dinâmica do conhecimento.

Trabalhar com vocabulários controlados na área da Literatura é um grande desafio, uma vez que grande parte dos dicionários, glossários e textos de referência não são atualizados, com frequência. Durante a elaboração do presente trabalho sentiu-se dificuldade em encontrar definições para alguns termos, tais como: desenho animado, história em quadrinhos e *mangá*. Tal situação pode estar relacionada a certo preconceito linguístico com estes tipos de gêneros, mas “[...] não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, [...] ver os gêneros como entidades dinâmicas.” (MARCUSCHI, 2008. p. 156). Ou

seja, a linguagem é dinâmica e deve ser entendida como a ferramenta sistêmica por meio da qual o homem se expressa, se comunica e entende o mundo ao redor e o representa.

Pensando neste dinamismo e vivacidade do conhecimento e da linguagem, o bibliotecário que trabalha com a análise e indexação de documentos deve estar atento às demandas da comunidade em que atua, bem como procurar estabelecer critérios para desenvolver vocabulários controlados e descritores de áreas especializadas do conhecimento que ainda não foram muito exploradas, como a da Literatura Inglesa, por exemplo.

Outro grande desafio, que o presente trabalho pretende instigar é a construção de um vocabulário controlado mais completo de conceitos e termos que pertencem ao campo semântico da obra de Shakespeare em sua totalidade, em Língua Portuguesa, apesar de difícil execução, uma vez que a linguagem do Bardo é riquíssima e cheia de detalhes. Acredita-se que este tipo de ferramenta seria interessante para estudantes, pesquisadores e curiosos no assunto, uma vez que permitiria a recuperação mais eficiente e ágil de uma obra de interesse para esses usuários e de grande relevância para a área de Literatura.

Sendo assim, um objetivo futuro para esta pesquisa seria estabelecer uma parceria com profissionais (bibliotecários, docentes e discentes) que atuam neste campo tão rico e surpreendente, que é a Literatura, uma vez que o trabalho holístico, com diferentes visões e experiências sobre o uso e o conhecimento da linguagem e da Literatura, permitirá a construção de um vocabulário controlado com maior qualidade e eficiência.

## REFERÊNCIAS

- ADORO CINEMA. **Trono manchado de sangue**. [S.l.], 2016. Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-1581/fotos/detalhe/?cmediafile=19980235>> Acesso em: 5 jan. 2016
- AITCHISON, J.; GILCHRIST, A. **Manual para a construção de tesouros**. Trad. de Helena Medeiros Pereira Braga. Rio de Janeiro: BNG/Brasilart, 1979.
- BARBOSA, A. Mangás em sala de aula. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 114-147.
- BBC. Primary History. Famous People. **William Shakespeare**. England, 2014. Disponível em: <[www.bbc.co.uk/schools/primaryhistory/famouspeople/william\\_shakespeare](http://www.bbc.co.uk/schools/primaryhistory/famouspeople/william_shakespeare)> . Acesso em: 5 jan. 2016.
- BRITISH LIBRARY. Collection itens. **Shakespeare's first folio**. United Kigdom, 2016. Disponível em: <<http://www.bl.uk/collection-items/shakespeares-first-folio>>. Acesso em: 5 jul. 2016.
- CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. (coord.); MOTTA, D. F. da. **Elaboração de tesouro documentário**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.conexaorio.com/bit/tesouro/index.htm>>. Acesso em: 13 jan. 2016.
- CASCÃO, R. et.al. **Glossário de cultura**. Brasília: SESI/DN, 2007.
- CASCUDO, L. C. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2012, p.398.
- CLARK, D.B. et al. **English Literature: a college anthology**. New York,NY: The Macmillan Company, 1960.
- COMISSÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO NÍVEL SUPERIOR. **Classificação da produção intelectual**. Brasília, DF, 2014. Documento não paginado. Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/classificacao-da-producao-intelectual>>. Acesso em: 4 jan. 2016.
- CUNHA, M. B.; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.
- DAHLBERG, I. Teoria do Conceito. **Ciência da Informação**, v.7, n.2, p. 101-107,1978. Disponível em < <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1680/1286>>. Acesso em: 4 jan. 2016.
- DEWEY, M. **Dewey Decimal Classification and Relative Index**. 23rd ed. Dublin, Ohio: OCLC, 2011.

DIAS, E. W.; NAVES, M. M. L. **Análise de assunto: teoria e prática**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2013.

DODEBEI, V.L.D. **Tesouro: linguagem de representação da memória documentária**. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

ENCICLOPAEDIA BRITANNICA. **English literature**. England, 2016a. Disponível em: <<http://global.britannica.com/art/English-literature>>. Acesso 04 jun. 2016.

ENCICLOPAEDIA BRITANNICA. **Lord Chamberlain's Men**. England, 2016b. Documento não paginado. Disponível em: <<https://global.britannica.com/topic/Lord-Chamberlains-Men>> Acesso em: 05 jul. 2016.

ENCICLOPAEDIA BRITANNICA. **William Shakespeare**. England, 2016c. Disponível em:<<https://global.britannica.com/biography/William-Shakespeare>>. Acesso em: 05 jul. 2016.

FEITOSA, A. B. S. **Reescrevendo Shakespeare no Cinema: de A megera domada a 10 coisas que eu odeio em você**. Fortaleza, CE: Universidade Estadual do Ceará, 2008. Disponível em < <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/agnesbessasilva.pdf> > Acesso em: 1 maio 2016.

FOXPLAY. **Os simpsons**. [S.l.], 2015. Disponível em: <<http://www.foxplaybrasil.com.br/show/7431-os-simpsons>>. Acesso em: 10 jun.2016.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Apresentação. **Cordel literatura popular em verso**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/apresentacao.html>> Acesso 10 jun. 2016.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009.

GOMES, H. E. (Coord.). **Elaboração de Tesouro Documentário**. [S.l.: sn], 2004. Disponível em <<http://www.conexaorio.com/bitit/tesouro/>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

GOMES, H. E. **Manual de elaboração de tesouros monolíngues**. Brasília: CNPq/PNBU, 1990.

GOOD READS. **The things I hate about you**. [S. l.], 2012. Disponível em: <[http://www.goodreads.com/book/show/23233.Ten\\_Things\\_I\\_Hate\\_about\\_You](http://www.goodreads.com/book/show/23233.Ten_Things_I_Hate_about_You)>. Acesso em: 5 jan. 2016

HELIODORA, B. **A expressão dramática do homem político em Shakespeare**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. **Dramaturgia Elizabetana**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

\_\_\_\_\_. **Shakespeare: o que as peças contam: tudo o que você precisa saber para descobrir e amar a obra do maior dramaturgo de todos os tempos**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

HOUAISS, A. **Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2015.

HOUAISS, A; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2009.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **O que é o thesaurus**. Brasília, DF, 2011. Documento não paginado. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/o-que-e-o-thesaurus>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

KOBASHI, N. Y. Análise documentária e representação da informação. *INFORMARE – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação*, v.2, n.2, p. 5-27, jul./dez. 1996. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/359680/mod\\_resource/content/1/Kobashi%20A D.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/359680/mod_resource/content/1/Kobashi%20A%20D.pdf)> Acesso em: 1 dez. 2015.

KOTT, J. **Shakespeare, nosso contemporâneo**. Lisboa: Portugal: 1961.

LANCASTER, F. W. **Construção e uso de tesouro: curso condensado**. Brasília: IBICT, 1987. 106p.  
 \_\_\_\_\_ **Indexação e resumos: teoria e prática**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 452p.

LEITE, Y.; CALLOU, D. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MAGILL ; AULT. **Synopses of Shakespeare's complete plays**. New Jersey: Littlefield, Adams &CO, 1960.

MARCUSCHI, L.A. **Produção de gêneros e compreensão**. São Paulo, Parábola, 2008.

MARINS-PRIETO, L. C. A **“Megera” de Shakespeare na telenovela brasileira “O Cravo e a Rosa”**: literatura canônica e indústria de massa. *Darandina Revisteletrônica*, v. 5, p. 1, 2013. Disponível em <[http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/12/Artigo\\_LiliumCristinaMarinsPrieto.pdf](http://www.ufjf.br/darandina/files/2012/12/Artigo_LiliumCristinaMarinsPrieto.pdf)> Acesso em: 5 maio 2016.

MARQUES, M.H.D. **Iniciação à Semântica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

MEMÓRIA GLOBO. **O cravo e a rosa**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/o-cravo-e-a-rosa.htm>>. Acesso em: 5 jul. 2016

MEY, E. S.A.; SILVEIRA, N. C. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

MIRANDA, C. A. de; INOKUCHI, S. T. Um olhar oriental sobre Shakespeare. **Trono manchado de sangue de Akira Kurosawa**. Scripta Uniandrade, n. 07, 2009. Disponível em <[http://www.uniandrade.br/docs/scripta/Revista\\_Scripta\\_2009.pdf](http://www.uniandrade.br/docs/scripta/Revista_Scripta_2009.pdf)> Acesso em: 1 maio 2016.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev e ampl. São Paulo: Cultrix, 2002.

PAVIS, P. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PESSANHA, J. A. M. (Comp.). **Epicuro, Lucrecio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio**. Traduções e notas Agostinho da Silva et al. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).

PLATAFORMA SUSUPIRA. **Periódicos Qualis**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <[sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf](http://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf)>. Acesso em: 4 jan. 2016.

PORTAL DE PERIÓDICOS DA COMISSÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DO NÍVEL SUPERIOR. **Buscar Periódicos**. Brasília, DF, 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 4 jan. 2016.

PRICE, D. S. **A ciência desde a Babilônia**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

RAMOS, P. Humor nos Quadrinhos. In: RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Quadrinhos na Educação: da rejeição à prática**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 185-218.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. BALLY, C.; SECHEHAYE, A. (Org.). São Paulo: Cultrix, 2006.

SHAKESPEARE'S GLOBE. **About us**. London, 2016. Disponível em: <<http://www.shakespearesglobe.com/about-us/history-of-the-globe>> Acesso em: 5 fev. 2016.

SHAKESPEARE, W. 1564-1616. **Hamlet**. Tradução de Buarque, Adriana J. São Paulo: Universo dos livros, 2007.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. **A pesquisa científica: tipos de pesquisa quanto à abordagem**. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. p. 31-33.

SOARES, A. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2010.

TÁLAMO, M. F. G. M., LARA, M. L. G. O campo da Linguística Documentária. **TRANSINFORMAÇÃO**, v. 18, n. 3, p. 203-211, set./dez., 2006. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/668>> . Acesso em: 12 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Interface entre Linguística, Terminologia e Documentação. **BRAZILIAN JOURNAL OF INFORMATION SCIENCE**, v.3, n. 2, p. 58-74, jul. /dez. 2009. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/bjis>> Acesso em: 15 jun. 2016

TÁLAMO, M. F. G.M., LARA, M. L. G. **Linguística Documentária e Terminologia: experiência didática na interface das disciplinas**. ENANCIB; IBICT, p. 1- 12. Disponível em: <<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/viiencib/paper/viewFile/2426/1557>> Acesso: 20 jun. 2016



THE GUARDIAN. **Theatre**. United Kingdom, 2016. Disponível em:<  
<http://www.theguardian.com/stage/ng-interactive/2016/may/05/emma-rice-a-midsummer-nights-dream-globe-shakespeare-in-pictures>> Acesso em: 5 fev. 2016.

UNESCO. **Diretrizes para o estabelecimento e desenvolvimento de tesouros monolíngües**. [2ª ed. rev. por Derek Austin e Peter Dale]; Trad. de Bianca Amaro de Melo; rev. de Lígia Maria Café de Miranda. Brasília: IBICT; SENAI, 1993.